

Escrevi este livro em 1976, há mais de 25 anos! É claro que muitas das minhas idéias a respeito do amor se modificaram e muitos conceitos ficaram mais claros. Na época, eu defendia o amor romântico, o da fusão entre duas metades semelhantes que se encontram para se completarem – e não se complementarem. Hoje penso que o amor compatível com o século XXI é o da aproximação de duas unidades.

O livro tem mais do que tudo um valor histórico e mostra os primeiros momentos da trajetória que tenho feito no sentido de ajudar as pessoas a viverem de forma alegre e gratificante as relações íntimas.

Falando de Amor...

I-INTRODUÇÃO

A revisão crítica do progresso tecnológico e das coisas que rapidamente têm ocorrido neste século agitado, têm mostrado as graves contradições a que estamos sendo conduzidos. A ciência e a tecnologia aumentam com facilidade o potencial destrutivo, mas não resolvem o problema da escassez de comida. O desenvolvimento e crescimento desordenado dos grandes centros urbanos, aumentam a violência interpessoal, mas não ajudam em nada o encontro entre as pessoas (ao contrário, praticamente o impede!). Os progressos da pedagogia estão subtraindo de um modo assustador o genuíno interesse dos jovens pelo saber. A medicina moderna – caríssima – em troca de ajuda efetiva para algumas raras enfermidades, desenvolveu o medo das doenças de um modo a neutralizar, como resultado final, todos os seus recursos recentemente adquiridos.

Foi neste século, e portanto, neste clima geral estranho, que nasceu e deu seus primeiros passos a ciência da psicologia. Nasceu e está se desenvolvendo numa época em que todo progresso e aquisição importante deste animal humano tem se transformado, por mecanismos pouco claros em seus detalhes, mas certamente ligados a interesses de pequenos grupos poderosos, em mais um instrumento de destruição, de poder agressivo, de enganação e desvirtuamento das verdadeiras intenções de seus autores. Seria ingênuo supor que à psicologia estivesse destinado um desenvolvimento diferente, desligado e descomprometido com esta terrível inversão de valores, que estamos presenciando em todos os domínios da atividade humana. As revisões críticas são difíceis de serem feitas, pois vivemos um período de enorme crença popular em todos estes "progressos" e transformações, de tal

forma que apontar suas aplicações negativas ou destrutivas significa ser "contra" o progresso; corre-se o risco de cair na ridícula posição dos que continuam tentados pelo "passado". Apesar de as pessoas estarem bastante infelizes, insatisfeitas, exaustas, há um culto e um grande orgulho de termos nós, acidentais, construído esta estupenda civilização, tão complexa e intrincada, tão árida, mas tão majestosa!

A psicologia moderna iniciou-se com Freud, fruto de sua intuição genial. Sua finalidade era a de ajudar, dar alívio e eventualmente curar pessoas doentes, cuja dor derivava de desequilíbrios ou distúrbios pouco conhecidos na área das emoções, sentimentos, discernimentos, etc. E absolutamente inoportuno descrever aqui todas as pessoas que se seguiram aos trabalhos fundamentais de Freud sobre histeria, análise dos sonhos, desenvolvimento de uma teoria sexual, etc. O fato é que sua influência foi excepcional, tanto sobre os médicos e novos especialistas da psicologia, como sobre todas as pessoas ligadas às ciências humanas em geral, como principalmente sobre o grande público, através de vários tipos de divulgação, nem sempre fidedignos.

À influência de Freud se acrescentaram outras, de importantes autores que seguiram por sua própria iniciativa, trilhas nem sempre convergentes. Assim se divulgaram em diferentes épocas, nestes últimos quarenta anos, as obras de Jung, Reich, Fromm, Horney, M.Klein e tantos outros. Ter noções sobre estes autores e sobre os progressos da psicologia, passou a ser parte da formação geral de todas as pessoas com alguma pretensão intelectual. A linguagem corrente incorporou termos derivados da obra deles. Ultrapassou de longe as intenções iniciais, médicas, terapêuticas. A ciência que tenta entender e explicar o funcionamento mental dos seres humanos é, obviamente, do interesse de todos.

E cada um incorpora as novas aquisições desta ciência conforme sua informação preliminar, suas deformações e o modo como estes dados são transmitidos e utilizados pelos meios mais gerais de comunicação (revistas, cinema, etc.).

É evidente que a intenção inicial dos autores e descobridores deste intrincado labirinto que é o processo mental, era o de ajudar as pessoas a se conhecerem melhor, se aceitarem e se entenderem mais adequadamente como seres humanos. E isto não mais no domínio da patologia mental e sim no terreno da vida cotidiana de todos nós; o resultado final deveria ser uma mais fácil, franca e ajustada conquista no plano das relações interpessoais. Vejamos, o que, de fato, aconteceu.

Segundo entendo, as duas intenções básicas (melhorar o instrumental para auto-conhecimento e aprimoramento pessoal e modificar favoravelmente o modo das relações interpessoais) a que se prestam na prática as teorias psicanalíticas, não só não preencheram

nenhuma de suas finalidades, como ainda se transformaram em poderosos instrumentos negativos, isto é, contra os interesses dos homens em geral, todos influídos fortemente por este vento psicologizante que soprou sobre o mundo ocidental.

No que diz respeito ao auto-conhecimento, as sofisticadas explicações psicológicas, prontas a explicar qualquer dificuldade pelo menos por dois caminhos opostos, têm substituído a vivência real e de fato terapêutica. As pessoas encontram modos satisfatórios (para si mesmas!) de entender e analisar suas dificuldades, seus medos, suas inseguranças. E isto os faz bastante complacentes para consigo mesmos. Se acomodam. Entender as coisas, ainda que sem grande convicção de que a explicação encontrada seja verdadeira, isenta a pessoa da preocupação de tentar se modificar, de tentar enfrentar seus medos. Terapeutas experimentados sabem que um bom número de pessoas procura "ajuda" psicoterápica apenas como justificativa para si mesmos de que estão fazendo o possível para se modificar. Buscam interpretações mais sofisticadas para suas dificuldades e não instrumental para mudanças. As explicações são o perdão! A interpretação substitui a necessidade de mudança, de atuação.

As interpretações e a problemática humana por elas levantadas são tão grandiosas, os obstáculos a serem vencidos tão intransponíveis, os traumas tão profundamente arraigados, as saídas tão pouco visíveis – quase impossíveis. Não há como lutar contra tudo isto! O mais que se pode fazer é tentar compreender. Nada a fazer contra as pressões violentas e cada vez mais exigentes da realidade externa massacrante (tentar evitá-las de algum modo, é fuga; e isto é visto como uma coisa negativa). Só resta a resignação. A aceitação da triste condição humana tal como ela é. Negá-la; tentar trabalhar para que as coisas se modifiquem pelo menos no meio externo, é loucura. É ser idealista. É ingenuidade. É não ter conhecimento do trágico destino inevitável a que deve se submeter o ser humano condenado à aceitação da realidade tal como ela é; passando a ser visto como um desequilibrado, um visionário.

As pessoas em geral estão profundamente infelizes. Tem talvez mais consciência e compreensão intelectual do que se passa com elas e com o mundo que as cerca. Mas estão, mais do que nunca, paralisadas, resignadas e assustadas. As interpretações psicológicas acerca dos aspectos básicos da vida humana são do seu conhecimento. Ao serem explicadas as razões dos males, estes se tornam menos intensos. Há um certo alívio. E a este alívio se segue a pacata aceitação da situação tal como ela é, em muitos momentos confundida com o conceito de realidade e associada definitivamente à idéia de que a felicidade humana não é possível.

Então, não há razão alguma para se lutar contra as dificuldades e os medos em geral. Fica tudo como está e pronto. Pelo menos se lida com o conhecido. Pelo menos está tudo explicado, tudo entendida. Os traumas esclarecidos continuam eficientes, mas menos dolorosos. E o homem se acomoda a um estado terrivelmente incômodo. O homem se torna cada vez mais dócil; cada vez mais aceita tudo. Pensa muito, sonha muito e vive pouco. Pensamentos e devaneios substituem a vivência e a vivência é de fato o único fator terapêutico, isto é, capaz de determinar mudanças básicas no processo mental e no estilo de viver.

Enfim, a psicologia moderna, com toda sua aparência e empenho de se tornar ciência, preenche antigas funções de acomodação e resignação do ser humano. É tudo sutil; muito mais sutil do que as coisas do passado. O cinto de castidade de séculos atrás foi substituído por expressões que comumente as mães dizem às suas filhas adolescentes: "minha filha, eu te dou total liberdade porque eu confio plenamente em você; sei que você é uma menina ajuizada e nunca faria qualquer coisa errada, o que desapontaria demais seus pais que tanto te amam". É tudo com "jeito". Com aparência de liberdade. A psicologia ajudou a encontrar fórmulas autoritárias de educação sob aparência de mais completa liberdade. Qualquer criança inglesa de hoje, aos 5 anos de idade, brincando alegremente num parque de diversões, sabe que a carinhosa frase de sua mãe, "meu filho, penso que está na hora de irmos embora" – é uma ordem absoluta e que não deve ser contestada.

O homem impregnado pela psicologia explicativa se tornou mais acovardado. Muito preocupado em não cometer atos de insanidade, que facilmente seriam interpretados e explicados em função de sua história pessoal de vida, assume cada vez mais o comportamento esperado por uma determinada cultura. Nem mesmo os jovens, em sua maioria, escapam disto. E quanto o fazem, é através das drogas, que é uma forma muito pouco útil de contestação, além de ser um óbvio sinal de estar tentando se libertar de fortes padrões já impostos a ele por uma cultura sutil, porém mais do que nunca, autoritária.

Vamos agora tentar fazer um rápido relato do que têm sido as relações interpessoais. Vamos falar especialmente das relações que ultrapassam as barreiras formais das relações obrigatórias, de trabalho, vizinhança, etc. Das relações que envolvem intimidade: amizade e de passagem, também do amor, cujo tema desenvolvemos em outros pontos do texto. Nesta fase que vivemos, nesta era da psicologia, a intimidade entre as pessoas se compõe de um modo muito peculiar: eu falo sobre o outro, e a outra pessoa fala de mim! Intimidade, segundo eu entendo é eu falar de mim e, como sinal de ter sido entendida, receber como retribuição pela minha sinceridade, a intimidade do outro. Neste processo, progressivo e gradual, eu vou cada vez mais me deixando conhecer e conhecendo o outro; através deste processo eu

vou tendo todos os elementos que eu preciso para saber como devo me comportar para não desagradar, magoar, agredir o outro. E vice-versa.

Atualmente, cada vez que eu tento colocar para alguma pessoa um assunto pessoal, de significado emocional, eu ganho em troca disto, desta manifestação de confiança, uma interpretação. Na melhor das hipóteses, um conselho. Eu não preciso de nenhum dos dois. Eu preciso de alguém para me ouvir com simpatia e compreensão. Eu preciso de alguém que me diga: "engraçado, comigo as coisas se passam também desta maneira", ou coisa parecida. Alguém que, ser humano como eu, mostre sinais claros de fazer parte da mesma espécie animal e de padecer de dores semelhantes. Alguém que saiba ser solidário, por semelhança. A interpretação ou o conselho dão a impressão a quem os ouve, de estar diante de alguém muito mais forte e poderoso, capaz de um distanciamento que humilha a quem está tentando ser sincero.

A psicologia, através do seu sistema complicado de explicações, aumenta a desconfiança de um ser humano no outro. Definitivamente não se pode confiar nas palavras. As pessoas estão dizendo alguma coisa porque pensam mesmo? Ou será que estão encobrendo alguma outra intenção? Por que será que está falando assim? Não será que...? Enfim, a descrença é total e absoluta. Especialmente em relação às palavras. As pessoas só entendem a comunicação verbal, porque a intuição e as formas mais instintivas de entendimento corpóreo são profundamente massacradas pelo racionalismo que domina a nossa cultura até hoje. O homem, medroso porque assustado pelo mundo que ele mesmo criou; medroso pela violência que este mundo desenvolve cada vez mais; medroso porque já foi criado num clima de medo, fica agora mais ainda assustado e desconfiado e cada outro ser humano é um perigoso inimigo, contra o qual deve se defender de todo o modo. Compõe-se assim cada vez mais uma carcaça superficial, formal, (às vezes sutil e disfarçada em enorme simpatia e extroversão) e vazia de conteúdo afetivo, com a qual as pessoas se introduzem umas às outras. Nas tentativas de abertura, de uma intimidade verbalizada, talvez num momento de grande dor (justamente necessária para quebrar esta carcaça), o homem esbarra com a carcaça do outro e ganha em troca de sua sinceridade uma interpretação ou um conselho. E isto ocorre particularmente quando ele necessita de compreensão, ternura, aceitação por parte de um seu semelhante.

Resultado: cada vez mais frustrado por não receber retribuição para suas tentativas de compor intimidade real, o homem se torna cada vez mais rígido e superficial. Aprende que mostrar-se, tal como é, é entendido como fraqueza. Que as relações humanas são hipócritas mesmo. E que ele deverá se abrir o mínimo. Nem mesmo com pessoas mais próximas. Torna-se cada vez mais solitário. Mais medroso. Mais singular: um fraco no meio dos fortes (ele sabe que sua carcaça é falsa,

mas pensa que os outros são fortes de verdade!) menos digno de consideração e, principalmente, de afeto. Nem ousa querer isto. É só para sonhar! Cada vez tornam-se mais raros os verdadeiros encontros entre as pessoas tanto no plano das amizades como do amor. E todos se ressentem disto! Não se pode fazer nada; as tentativas de abertura terminam sempre em novas frustrações.

Cada vez que eu falo de mim para alguém, das minhas dificuldades, dos meus conflitos e contradições, eu não estou esperando receber ajuda concreta de espécie alguma. Aliás, é muito raro que alguém possa dar ao outro mais do que solidariedade e compreensão por semelhança. O outro, na atualidade, se sente "obrigado" a me dizer alguma coisa que me ajude e recorre aos seus conhecimentos teóricos ou experiências anteriores relacionadas com situações semelhantes para me explicar o que e porque as coisas estão se passando assim comigo. Esta atitude desrespeitosa, arrogante e evasiva provoca imediatamente o meu retraimento e a recomposição da formalidade na relação interpessoal.

E aí está o mundo das relações interpessoais e da vida íntima de hoje. Empobrecimento das relações de amizade sincera, aumento da violência interpessoal em nome de ajudas recíprocas de tipo interpretativo-psicológico, quase que extinção da capacidade humana de amar e ser amado. Amesração quase total e ausência quase absoluta da capacidade prática de crítica e rebelião. Muitas palavras, muitas explicações e pouca ação. Insatisfação crescente, parcialmente compensada pelo aumento do consumo de bens materiais.

Muito se escreve sobre o ódio, agressividade, violência. Muito pouco se escreve sobre o amor. Absolutamente nada sobre as amizades. A literatura sobre o medo é vastíssima e há inúmeros modos para explicar suas raízes e mecanismos de perpetuação. Sobre a coragem, nada foi dito. Esta força humana básica, único instrumental para se enfrentar as situações de medo (as sofisticadas explicações sobre os mecanismos do medo em nada o diminuem!) acabou se transformando em uma palavra oca, sem nenhum significado para a vida emocional das pessoas.

Não quero absolutamente dizer que é só à influência da psicologia contemporânea que devemos a crise quase catastrófica que estamos vivendo. Tentei, apenas, mostrar algumas de suas contribuições negativas para a constituição deste caos continuamente ameaçado de explodir a qualquer momento.

Os textos que se seguem são mais ou menos desordenados, se bem que haja um encadeamento. São tentativas de entendimento da condição do homem, da mulher e das relações amorosas dentro deste contexto social em conflito e em rápida mudança.

II-MACHISMO

O machismo é o aspecto mais característico do comportamento masculino em nossa cultura. Ele corresponde a um exagero, na maioria do tempo ridículo, do papel do homem, especialmente quando se relacionando com as mulheres. Porém, aspectos típicos desta atitude aparecem também nas relações entre homens. Do ponto de vista exterior, há maneirismos que imitam o comportamento grosseiro dos marginais e delinqüentes – os modelos exagerados e quase caricaturais dos machões. Essencialmente os maneirismos e outros procedimentos verbais são confundidos com virilidade, ou seja, são esforços para se mostrarem publicamente competentes para a prática da intimidade sexual.

A coisa começa por volta dos 7 anos de idade. É o início do chamado período de latência, que se segue ao período edipiano. São complexos e intrincados os eventos, tensões e sofrimentos; ainda difíceis de determinar o grau e a intensidade das frustrações que correspondem, para o menino, a passagem por este período de luta competitiva com o pai pelo amor da mãe. O que parece indiscutível é que há uma certa estimulação por parte dos adultos para o estabelecimento desta situação exageradamente competitiva. A luta é, obviamente, perdida pelo menino. Não é o momento aqui para discutirmos, outra vez, detalhes do conjunto das emoções próprias do período edipiano.(*). O importante é reafirmar mais uma vez que, por frustrações anteriores, se compõe um período entre 7 e 12-13 anos de idade, onde a atitude visível e detectável dos meninos é de total desprezo e desinteresse pelas meninas.

(*) Tratamos destes aspectos mais pormenorizadamente em "Dificuldades do Amor" MG Editores Associados – S. Paulo.

As meninas têm seus jogos próprios, com um caráter bastante ameno e relativamente pouco agressivo, onde imitam as tradicionais atitudes e funções da mulher (brincam de casinha, cuidam de suas bonecas como se fossem suas filhas, etc.). Elas são proibidas de participar das atividades masculinas. Quase todas se constituem de jogos essencialmente de tipo competitivo e ricos em violência e agressividade direta – durante um jogo de futebol, por exemplo, a impressão que se tem é de que a atividade competitiva é só pretexto para se criarem situações de briga; há mais discussões, polêmica

verbal, rapidamente se encaminhando para um desfecho de agressão física, do que jogo. Os meninos desta idade se constituem em turmas, onde têm que enfrentar, além das tensões internas, brigas e ataques contínuos das outras turmas, sempre constituídas por inimigos. É um clima geral de medo, especialmente para aqueles que se sintam, por qualquer razão, com menos capacidade para enfrentar as brigas e tensões que se exprimam como violência física direta.

A maioria dos meninos consegue desempenhar razoavelmente este padrão de comportamento exigido, que não se pode mesmo dizer com prioridade de onde vêm, e nem mesmo se corresponde ao anseio da maioria. Da experiência clínica e pessoal, nunca ouvi ninguém contar deste período da vida com alegria e orgulho, apenas. Está sempre associado a situações de medo, de experiências homossexuais bastante constrangedoras, cuja lembrança funciona como um fantasma incômodo. Lembranças de brigas evitadas por causa do medo (de machucar o outro ou de apanhar), associadas a forte sensação de covardia e vergonha. Algumas lembranças de caráter heróico, associadas a façanhas individuais ou do grupo.

Um bom número deles são mal sucedidos neste modo particular de viver estes anos em nosso meio. São terrivelmente ridicularizados pelos outros. São tratados como seres desprezíveis similares às meninas. Alguns deles se retraem do grupo, se trancam em casa, intimidados. Outros, continuam participando do grupo, no papel de "maricas", objetos de todo o tipo de chacota e ridicularização, fortemente ameaçados com tentativas homossexuais ativas dos mais fortes sobre eles. Vale a pena concluir já – e a isto voltaremos depois – que se estabelece claramente uma correlação entre competência agressiva e competência sexual. Os mais violentos e capazes de expressar mais livremente sua agressividade serão os mais viris.

Com a puberdade e início da adolescência (13-17 anos) volta o interesse pelas mulheres. O fato mais marcante desta retomada de importância e significado da menina é que o desprezo rapidamente se transforma em medo. E este é um fato curioso, pois as mulheres se transformam em ameaçadoras não só para a abordagem sexual, mas também para fins de namoro ingênuo. É provável que este medo tenha relação direta com uma sensação de incompetência como macho, que é o que acaba restando em quase todo o mundo como resultado do terrível período de latência. De todas as aproximações, a sexual é a mais temida (além de também desejada) ; é o "pôr-se à prova", testar-se como homem. Ninguém está preparado para isto. E se fracassarem? É uma tragédia que tem que ser evitada a qualquer custo. E tem que ser evitada para si mesmo e também (num nível de importância comparável) para fins de reputação perante o grupo, cuja importância

continua sendo muito grande, como aferidor das características e competências masculinas.

Não há a menor condição para enfrentar uma intimidade sexual real. O medo é muito maior do que o enorme desejo. A masturbação é a solução. Resolve o desejo, apesar dos sentimentos de culpa de estar tendo um procedimento indigno e de eventuais efeitos maléficos para a saúde física e mental.

Com o passar do tempo, com o imaginar em fantasias durante a masturbação todas as possibilidades e variáveis da situação sexual objetiva, o brutal medo vai se atenuando. Além do mais, existe uma óbvia e ostensiva pressão do meio – colegas mais velhos, irmãos e principalmente o próprio pai, ou indiretamente os pais – no sentido de que a iniciação sexual se dê o mais rápido possível. Não são raros os pais que se encarregam pessoalmente de introduzir seus filhos a alguma prostituta que eles reputam de confiança para executarem tal tarefa. Tal comportamento dos pais denota, é evidente, uma preocupação com a primeira experiência do seu filho (todos sabem, por introspecção, como um fracasso nesta condição poderia ter enormes repercussões sobre o futuro sexual e como homem, em geral do menino). Mas isto é, também, um importante indicativo das brutais pressões de desempenho sexual a que os meninos estão sujeitos. Há um grande orgulho para a família quando tudo vai bem; e quanto mais precoce for esta experiência, melhor. Isto parece ser indicativo de que se trata de um menino normal. Um dos fantasmas que mais preocupam os pais nesta fase é o de que seus filhos tenham alguma dificuldade nesta área, que teria como desgraça maior a homossexualidade. E sempre difícil saber quanto os pais estão preocupados com o bem estar psicológico dos seus filhos ou quanto estão mesmo é interessados em manter suas posições de educadores e, portanto, suas próprias reputações perante o seu grupo de referência adulto.

Enfim, o fato é que, num determinado momento, em geral 1 a 3 anos após o início da prática sistemática da mas-turbação, o menino se arma de toda a coragem – muitas vezes ajudado até pelo álcool – e vai tentar preencher as expectativas que todos esperam dele, principalmente ele próprio. Não vai à procura de prazer, do encontro físico como fonte de alegria e enriquecimento. Vai cumprir uma missão. Vai tentar conseguir uma ereção. Uma penetração vaginal. Uma ejaculação em um tempo razoável, que não pode ser nem muito curto, nem muito longo (o início da contagem do tempo é o momento da penetração). Em síntese, vai tentar manter uma relação sexual. O mais comum é que o faça com uma prostituta. Prostituta ou não, será uma mulher qualquer, entendido isto não no sentido moral ou pejorativo, mas sim no sentido literal, isto é, uma mulher indiscriminada, uma pessoa que seja desconhecida para ele, com quem não teve nenhum

contato anterior e com quem provavelmente não terá nenhum outro contato. Não é necessário levar em conta nenhuma afinidade intelectual, emocional e nem mesmo física!

Todo o mundo sabe, e neste sentido foram muito úteis os estudos recentes e sua grande divulgação (infelizmente não tão grande em nosso país) sobre a sexualidade humana, da importância do primeiro encontro sexual para a vida emocional do rapaz. É óbvio que é importante também no caso das meninas, cuja rápida evolução trataremos noutra parte. Apesar disto, tudo continua se passando, para a maioria dos rapazes, mais ou menos como foi descrito aqui. O saber das coisas a respeito da vida sexual não determinou nenhuma mudança neste setor, e eu acho bom ressaltar isto. O destino da maioria dos rapazes depende, em boa parte, do que acontecer nesta primeira experiência sexual, que se dá em condições péssimas. Se ele for bem sucedido, ótimo. O fracasso, não raro, especialmente para aqueles mais emotivos e sensíveis, que podem ser mais influenciados pelas condições gerais em que se dá a experiência, poderá trazer consequências catastróficas para a futura evolução global da personalidade, especialmente com repercussões na área afetiva, além da inibição na vida sexual, onde a coragem para tentar uma outra vez pode só aparecer anos depois.

Além da enorme pressão do meio dos adultos, existe uma exigência maior ainda por parte do próprio grupo de adolescentes. Aí, os critérios da masculinidade são ainda mais estranhos e exigentes. São tão exigentes que são capazes de determinar uma enorme sensação de incompetência em quase todos os jovens! E isto me parece uma coisa muito importante e nada casual, apesar de que estes aspectos da psicologia são raramente abordados. Em resumo rápido, o ambiente dos adolescentes define a masculinidade nos seguintes termos: é tanto mais macho aquele que tenha um pênis maior (em comprimento e espessura), que for capaz de ejacular um maior número de vezes num menor espaço de tempo (um tempo certo deve existir à ejaculação), que for capaz de ter relações em nada discriminadas quanto às características da parceira, local e comodidades para a prática do ato sexual, e assim por diante. Os que conseguem sucesso nestas condições louvam suas conquistas e isto complica ainda mais os sentimentos dos que não são assim... quase todos. Há ainda outros critérios de segunda ordem de importância, mas também bastante influentes no sentido de ajudarem a compor sentimentos de incompetência: estatura, envergadura do tórax, número de pelos da barba e no corpo, etc.

Parece-me muito fácil entender que os sentimentos de inferioridade se tornem quase que universais nesta área, pois os critérios a serem preenchidos são tantos e tão absurdos que não há jeito de não fracassar em um ou mais dos seus itens. Não é difícil de

entender também que muitos rapazes tentem adiar ao máximo sua primeira "experiência" sexual, por não se sentirem com coragem de enfrentar tão delicada situação. Porém, isto compromete seriamente sua situação e sua reputação perante o grupo de referências (amigos, colegas de escola, parentes próximos da mesma idade). Com frequência é objeto de incríveis ridicularizações, o que evidentemente agrava ainda mais o já complicado estado de coisas. Muitos tentam salvar as aparências e inventam histórias completas, onde louvam suas experiências inexistentes e suas glórias de macho. Os outros rapazes do grupo ouvem tudo isto com muita admiração – em geral acreditam – e estas mentiras acabam servindo para provocar ainda maiores inseguranças e sentimentos de inferioridade nos outros que estão ouvindo. Como dá facilmente para perceber, os sentimentos negativos vão se transmitindo de um para o outro, e o resultado é um crescente e progressivo comprometimento emocional de todo o mundo. É um absurdo que se repete regularmente em todas as gerações!

Não é preciso frisar mais que a figura da mulher está completamente perdida como ser humano, com suas emoções, sentimentos e sensibilidades. A preocupação básica é exclusivamente ser bem sucedido na função masculina de ereção e ejaculação no tempo adequado. Há algum interesse pelas meninas recatadas, com as quais poderiam namorar e nunca manterem maiores intimidades sexuais. Porém, mesmo este interesse é superficial. Não há intimidade possível, porque rapazes e moças têm medo um do outro. É como se vivessem em dois mundos completamente diferentes. Para os homens há dois tipos diferentes de mulher: as de amar e namorar com recato, e as que servem para as funções sexuais. É assim que todos são educados. Por esta drástica e radical ruptura entre dois tipos diferentes de abordagem da mulher, muitos homens (em certa medida, todos) pagam mais tarde um terrível tributo, que é a incapacidade sexual em relação às mulheres por eles verdadeiramente respeitadas e valorizadas.

Conclusão: apesar de ser quase uma figura teórica ou utópica, o macho ideal para os padrões da nossa cultura é um homem alto, de ombros largos, de pênis grande (até há muito tempo ninguém se interessou em saber o que as mulheres pensam disto!) capaz de manter várias relações sexuais seguidas com qualquer mulher, em qualquer situação ambiental, sem medos ou titubeios de espécie alguma, inclusive tudo isto absolutamente independente do seu estado emocional ou de qualquer outra variável subjetiva. Enfim, cria-se o modelo de uma besta. Um animal sem qualquer dose de sensibilidade ou emoção capaz de interferir no desempenho sexual. Sem qualquer preocupação ou respeito pela mulher, exclusiva-mente objeto de prazer, para ele (como vimos anteriormente, nem mesmo isto é absolutamente verdadeiro). Às vezes a preocupação em agradar a mulher aparece, mas

ainda de modo secundário e não como manifestação de carinho ou interesse, mas para reforçar ainda mais suas virtudes de macho. Aliás, para ser preciso, é necessário dizer que há mesmo uma certa louvação da capacidade de desprezar as mulheres, e isto aparece de modo bastante claro no tipo de vocabulário usado a respeito pelos rapazes – e mesmo entre homens adultos – quando se referem às mulheres com quem mantiveram qualquer tipo de aproximação sexual.

As coisas postas nestes termos podem parecer chocantes, ou mesmo uma abordagem que exagera os fatos: mas a verdade é esta. E até hoje as coisas não mudaram em nada. É isso que todo homem – pelo menos durante um bom período de sua vida – sonha em ser. É por comparação com este modelo absurdo, deformado, grosseiro que todos os homens se sentem inferiorizados, incompetentes. É isto que os torna amedrontados diante das mulheres (e talvez diante de várias situações da vida adulta).

No fim das contas, os homens se sentem inferiores e pequenos exatamente porque têm sensibilidade, emoções, olfato, tato, etc... e portanto, não podem preencher o critério da indiscriminação, e o da capacidade sexual em qualquer estado ou clima emocional. Do mesmo modo, poucos homens se julgam portadores de um pênis de dimensões apropriadas. O estranho e quase inacreditável é que estes critérios da adolescência se perpetuam por longos anos da vida adulta e eu os tenho encontrado mesmo entre os homens mais esclarecidos e cultos.

Os fracassos sexuais continuam sendo sentidos pelos homens como uma coisa bastante grave, motivo de brutais preocupações, e desencadeantes de freqüentes e fortes crises depressivas. É muito difícil convencer, mesmo as pessoas esclarecidas, de que, do mesmo modo que certas situações da vida subjetiva ou objetiva podem determinar alterações na capacidade de se alimentar ou de dormir, podem interferir também na função sexual. Nada mais lógico e esperado do que existirem fracassos sexuais em certas situações de maior ansiedade. Uma delas, por exemplo, é a do primeiro encontro sexual entre um homem e uma mulher que se valorizam e têm real interesse um pelo outro. O medo de desapontar ou de não ser bem sucedido pode, juntamente com um compreensível constrangimento bilateral, provocar um estado de ansiedade que determine a completa inibição da capacidade sexual do homem. Isto ocorre também com a mulher, mas, por razões óbvias, o problema do homem é manifestado primeiro, porque é mais observável, ainda mais que à mulher sobra sempre o recurso de fingir. Há várias outras situações em que a ansiedade ou o medo ou outros mal-estares, podem provocar inibição sexual no homem. Ou melhor têm que provocar inibição sexual no homem.

Isto significa que não somos bestas, mas sim animais humanos, sensíveis, portadores de emoções; a sexualidade tem que fazer parte do

conjunto das sensações humanas e não ser vivida como uma entidade isolada, estanque, funcionando sempre de modo igual, independentemente do que esteja ocorrendo com o resto do indivíduo. São dignos e humanos aqueles que têm uma sexualidade variável, de desempenho relacionado com a situação objetiva e subjetiva. Enfim, aqueles que levam em conta que a relação sexual envolve mais uma pessoa.

Já é tempo de se tentar atenuar, pelo menos na cama, o caráter competitivo e de preocupação de desempenho, que todos nós – principalmente os homens – estamos submetidos o dia inteiro no mundo do trabalho. Já é tempo para que a relação sexual entre um homem e uma mulher possa ser vivida como uma importante fonte de prazer e realização para ambos e não como mais uma tarefa (nas pessoas casadas, a última do dia!) a ser realizada com eficiência e rigor. É triste constatar que, inversamente, o que está ocorrendo é que as preocupações de desempenho sexual e de eficiência não estão absolutamente diminuindo nos homens e que, isto sim, estão aumentando nas mulheres também.

O que era importante descobrir e aperfeiçoar em termos de técnicas sexuais e conhecimento de sua fisiologia já foi feito no decurso da década passada, especialmente nos Estados Unidos. Foi um período que desvendou, pela primeira vez, e esclareceu muito sobre importantes dados, mantidos em total desconhecimento até então. E isto se deve ao fato de que nós sempre vivemos numa cultura que lida de uma maneira muito peculiar (mais do que simplesmente preconceituosa, a meu ver) com as coisas do sexo e do amor. Porém, estes novos conhecimentos não precisariam ser transformados em um aumento ainda maior da preocupação de desempenho e eficiência, como me parece que tem ocorrido. São informações úteis, porém que devem ser manuseadas com imaginação, liberdade e amor.

São saudáveis, humanos, sensíveis e respeitosos os homens que têm fracassos sexuais esporádicos. E as mulheres sabem (ou intuem) disto, que os homens precisam aprender. A experiência do fracasso sexual, apesar do seu caráter brutal e terrivelmente angustiante, é uma sensação básica, porque é a quebra do machismo. É, portanto, o início de uma relação mais digna, mais nivelada, entre um homem e uma mulher. E isto é uma conquista absolutamente original, de significado enorme e totalmente imprevisível.

Eu quero ainda discutir um pouco alguns aspectos do machismo, que ultrapassam os limites da psicologia normal e mesmo da psicologia. Inicialmente, as relações entre o desenvolvimento da sexualidade masculina e a violência. Já aponte nas páginas anteriores, na descrição do período de latência, como nos meninos a capacidade de agir de um modo agressivo direto (briga), fica sendo uma das manifestações de sua

capacidade de macho. Inversamente, o não preenchimento do padrão agressivo-competitivo traz como conseqüência uma forte sensação de fraqueza, covardia e de incompetência como homem, que se estende imediatamente para a área sexual. Quanto mais agressivo e violento em geral for o padrão, maior número de meninos se sentirão muito precocemente incompetentes. E isto pode agravar muito intensamente os temores já inevitáveis das aproximações sexuais esperadas durante o período seguinte, ou seja durante os primeiros anos da adolescência. Acontece que os meninos mais sensíveis e emotivos têm muita dificuldade de lidar com a agressividade. E isto pode ser entendida de várias maneiras. Ou porque, devido à sensibilidade, sejam capazes de se colocar na situação do outro e avaliarem a dor que são capazes de impor ao outro. Ou porque tenham incorporado mais intensamente do que os outros, uma das normas contraditórias do período educacional anterior, qual seja o de que a agressividade é uma coisa feia e inaceitável, do mesmo modo que o sexo (contraditório porque a agressividade das crianças pequenas se tenta reprimir com a agressividade dos adultos sobre eles). Ou porque tenham saído mais machucados do que a média dos meninos do período edipiano anterior e por isso mais inibidos e tímidos. E assim por diante...

O fato é que, tendo dificuldades com as condutas agressivas, são tachados de maricas, ridicularizados, marginalizados do grupo. São desprezados, como são desprezadas as meninas.

Seus modos mais delicados (próprios de pessoas sensíveis em geral), seus interesses divergentes dos habituais jogos, tudo é sinal de diferença e indicativo de que algo de muito errado está se passando com o menino. Assim, se ele gostar de música e de leituras em vez de futebol, é um óbvio homossexual, mesmo que só tenha 10 anos de idade. Se interessar por balé, nem se fala. Se não participar das brigas próprias deste período da vida e preferir (ou precisar, por medo) ficar em casa, chamará a atenção dos pais na mesma direção; e estes o estimularão para enfrentar justamente as situações mais difíceis e traumáticas. Nada melhor, nestes casos, do que colocar – à força – o menino numa academia de Judô ou Karatê. E a incompetência obviamente se acentua e se torna mais marcante para o próprio menino, que através da preocupação dos pais, também tem mais um dado para perceber para si mesmo que ele é um ser humano diferente dos outros. Um homossexual.

E é com este estado subjetivo que ele chega à adolescência. É evidente que não terá coragem de enfrentar um relacionamento sexual com uma mulher. É evidente que o seu relacionamento com os outros meninos será péssimo. Um misto de inveja e de ressentimento. Desenvolve-se uma verdadeira fobia sexual em relação às mulheres. A intensidade do medo é tão grande que provavelmente só imaginar uma

situação sexual com uma mulher já provoca todas as reações físicas de pânico. O desejo heterossexual neste clima se extingue. Naturalmente o componente homossexual vai tomando conta do processo mental, indiscutivelmente associado – ao menos em parte – com uma atitude de raiva e hostilidade contra as figuras masculinas. O homossexual, em geral, tem raiva dos homens. Pelas mulheres, após o total desinteresse sexual determinado pelo medo-pânico da situação, indiferença e desatenção. Só se relacionam com certa intimidade entre si. Ainda assim com vários tipos de problemas, a maioria deles relacionados com a precária aceitação da própria homossexualidade, e, é evidente, da homossexualidade no outro.

Não é minha intenção, por ora, fazer um estudo exaustivo e uma descrição completa e pormenorizada sobre a homossexualidade. Também não quero absolutamente dizer que todos os casos de homossexualidade se expliquem da forma acima. Ela é uma condição ainda absolutamente não bem entendida ou explicada. O que estou tentando é encontrar alguns dados de explicação mais ou menos genéricos que possam ajudar a entender um fenômeno muito bem conhecido, que é o aumento enorme da incidência da homossexualidade em certos momentos da história humana, como é este que estamos vivendo.

Com o desenvolvimento e sofisticação de uma determinada sociedade, crescem os agrupamentos urbanos. Nas sociedades acidentais, como a nossa atual, cresce a competição entre os homens: as relações humanas se tornam inevitavelmente mais carregadas de violência. O que eu quero sugerir é que há uma correlação provável entre o aumento da violência interpessoal, especialmente na forma como ela se manifesta durante o período infantil de formação, e o aumento da frequência da homossexualidade em uma determinada cultura. A homossexualidade seria, pelo menos em um grande número de casos, uma manifestação extrema da incapacidade do homem de preencher, nem nos seus requisitos mínimos, os padrões masculinos exigidos. E ela é, em parte, uma condição imposta de fora, pelo meio. Não há muita saída para um menino sensível, pouco agressivo, de modos delicados, com interesses muito diferentes dos habituais e próprios da sociedade em que ele vive. Um bom número deles associa isto a uma definitiva incompetência sexual como macho. Outros conseguem, no processo da adolescência, se salvar desta condição, muitas vezes favorecidos exclusivamente pelo acaso (encontro, por exemplo, de uma moça capaz de ajudá-lo a vencer as terríveis sensações do medo da situação heterossexual).

Nos Estados Unidos, onde a frequência da homossexualidade masculina atinge cifras altamente expressivas (provavelmente superiores a 10% da população; são apenas estimativas, porque um

bom número de homossexuais, em virtude de posições profissionais que ocupam, muitas vezes vivem esta condição de uma maneira absolutamente clandestina), a Associação Psiquiátrica Americana passou a considerar, desde há alguns anos, esta condição como fora da categoria de patologia psiquiátrica. Em verdade, não havia outra solução. Ou se aceita a homossexualidade como sendo uma variação possível da normalidade humana, ou se tem que incriminar as sociedades acidentais, doentes, como as responsáveis por ela, que, pelos números e pelo seu caráter episódico e cíclico, é mais do domínio da ordem social e política do que da psicologia.

É ao redor deste momento difícil, em que as fronteiras da psicologia esbarram com aspectos básicos da organização social humana, que eu ainda quero fazer mais algumas observações acerca do machismo. É evidente, pelo que foi dito antes, que a homossexualidade é consequência extrema do não preenchimento do modelo cultural do macho. Já disse também que praticamente ninguém preenche razoavelmente (segundo os critérios individuais e interiores) este modelo. Que a consequência disto é um sentimento de inferioridade universal – este está presente também em todas as mulheres, por razões diferentes – presente em proporções diversas em cada um de nós, também em consequência de outras variáveis, que definem as condições de sucesso ou fracasso na nossa cultura. O sentimento de inferioridade tem sobre a estrutura global da personalidade várias influências. Apesar de ter suas origens profundamente vinculadas à sexualidade e às relações desta com a agressividade, se estende para todas as áreas do processo psíquico. Influi decisivamente sobre a razão. O indivíduo passa a não confiar em nada que nasça de dentro de si mesmo. Quanto mais original forem seus conceitos e suas idéias, mais medo tem delas. Como pode acreditar em si mesmo se está tudo contaminado com uma profunda noção de incompetência, de fraqueza, de insuficiência? O jeito é se guiar pelos modelos externos, propostos pela cultura. Fazer como todo o mundo faz. Agir e pensar (até mesmo pensar) como parece que os outros fazem. O estilo de viver deverá ser o de todos. As ambições, as metas, as formas de alcançá-las, tudo.

Por não se poder acreditar no modo próprio de encarar a vida é que não se pode fazer, na prática, as tentativas de inovar nada. Os sonhos são bobagens que têm que ser deixados de lado o mais breve possível. O período de revolta contra as óbvias aberrações da cultura deverá ter curta duração, e em breve chega a maturidade onde tudo se apazigua. A cultura tem uma atitude complacente e condescendente com os seus adolescentes rebeldes. É tudo efêmero. Existem e são bem conhecidos os mecanismos para atenuar estas rebeliões; elas correspondem, dizem, apenas a insatisfações psicológicas pessoais, especialmente na área afetiva. Logo os rapazes e moças se apaixonam

pelos seus companheiros certos, constituem novas famílias, e tudo se normaliza. O trabalho e as necessidades materiais de sobrevivência tornam conta de toda a atenção do jovem casal e eles param de se preocupar com os assuntos sociais e só se interessam pela sua própria vida. E isto quer dizer que se atingiu, finalmente à maturidade.

O fato curioso é que pelo final da adolescência, isto é, após a solução da problemática sexual básica, com sucesso na capacidade de manter relações sexuais normais apesar de todos os obstáculos e dificuldades (a verdade é que a maioria consegue se sair razoavelmente bem deste massacre), os jovens estão bastante mais confiantes em si mesmos e em geral isto corresponde a um período muito rico de interesses sociais mais amplos, quando a situação permite e cria condições para que isto ocorra. Rapidamente aparecem, para a maioria dos rapazes e moças, os característicos encontros sentimentais, que descrevemos depois, o que parece novamente reforçar todos os sistemas dos sentimentos de inferioridade, acovardando novamente a todos, criando uma tendência quase definitiva para a perfeita acomodação às regras da sociedade, tal como ela é. A rebelião da adolescência seria um pequeno hiato, onde os jovens, encorajados por seus sucessos em lidar com suas complicadas dificuldades na área da sexualidade, tentam expressar suas idéias mais livremente, tentam atuar para compor o que eles consideram ser um mundo mais justo. Mas, evidentemente, esta atitude tem que passar logo, e o enquadramento será feito através dos futuros envolvimentos amorosos.

E assim vêm se sucedendo gerações intermináveis de pessoas insatisfeitas, acomodadas em suas infelizes condições, mas achando que é assim mesmo que tem que ser tudo. A religião, antes, os consolava. A psicologia, com suas explicações e com seus conceitos de maturidade, neurose, frustrações, traumas, etc., os tranquiliza e lhes dá a certeza de que está tudo indo como pode e como tem que ser.

III-FEMINISMO

O nome foi usado para as recentes tentativas de emancipação e igualdade da mulher em relação ao homem, em sociedades evidentemente governadas pelos homens desde sempre. Para se entender alguns aspectos do comportamento feminino habitual e presente até hoje é muito importante levar em conta que a posição da mulher nas sociedades acidentais era, até há menos de 30 anos, de total inferioridade. Certos procedimentos tipicamente femininos como, por exemplo, as tentativas sutis de dominação dos homens através de

táticas de sedução física, ou de uso de sua fragilidade para despertar sentimentos de pena e de culpa, são defesas necessárias para que a situação de dominação e submissão total não ficasse tão insuportável.

Talvez uma das características biológicas que mais influi no desenvolvimento da espécie humana e suas sofisticadas estruturas sociais, seja a prolongada dependência física das crianças em relação aos adultos significativos, em particular, a mãe. Em todos os outros mamíferos, a cria se desenvolve o suficiente para poder se alimentar por conta própria em poucos meses. Ao período de lactação, se segue o da capacidade de se alimentar por si só. A cria se distancia definitivamente de sua mãe, que nem mesmo mais a reconhece entre os da espécie. A maioria dos mamíferos têm cria que praticamente nasce andando; enxerga perfeitamente em poucos dias. A criança senta-se aos 6 meses, anda com um ano. Torna-se fisicamente independente depois de 10 – 15 anos!

Quando uma fêmea dos outros mamíferos tem filhos, os seus anteriores já estão totalmente crescidos e perdidos na multidão da espécie. É só cuidar e amamentar os filhos atuais por poucos meses e está livre de novo da cria. Como os filhotes nascem já bem diferenciados do ponto de vista neurológico (correspondente à espécie), os cuidados, além de tudo, são relativamente simples. Pelo menos, quando comparamos com os cuidados necessários para se manter uma criança em boas condições de saúde e higiene.

Em condições de vida selvagem, uma mulher aos 25 anos de idade já teria tido vários filhos, cujas idades variariam de meses até 10 anos. Todos ainda, de certa forma dependentes dela. Talvez os maiores a pudessem ajudar um pouco. Mas essencialmente ainda precisariam de cuidados. Estaria amamentando um filho (ou mais) ; não é impossível que estivesse grávida de outro. É natural que sua condição física estivesse comprometida nesta condição. Já em condições normais, a fêmea da espécie humana é sensivelmente mais fraca fisicamente do que o macho. Grávida ou amamentando, mais ainda. Não tem condições para cuidar da cria e ainda buscar alimentos para si e para os mais velhos.

Diferentemente das outras fêmeas dos mamíferos, a mulher precisava de um homem para ajudá-la na tarefa de cuidar e de alimentar a prole. A figura do pai, solidamente vinculada à cria, era uma necessidade essencial para sobrevivência. É evidente, desde logo, que isto tenha custado muito caro às mulheres. Que elas não tinham outro jeito senão se submeter às exigências masculinas. Que elas tenham aprendido compensar essa submissão, para se salvarem, pelo menos parcialmente, desta situação muito difícil e penosa.

Qualquer tipo de organização social, mesmo as mais primitivas, deveria, portanto, se compor levando em conta a necessidade da

existência da figura paterna. O casamento, união conjugal estável de um homem e uma mulher, era um requisito básico para a sobrevivência da espécie. Ou algum outro tipo de organização que impusesse aos homens a obrigação de trazer alimentos para as crianças e às mulheres a de cuidar delas, amamentá-las pelo tempo necessário, etc. É claro que era preciso garantias de paternidade. Era preciso que cada mulher se ligasse sexualmente a apenas um homem. Os homens não aceitariam alimentar filhos que eles não tivessem certeza que fossem seus. Era necessário que se compusesse um certo código onde as regras da união de homens e mulheres garantissem que a cada homem correspondesse uma mulher.

Ou melhor, que a cada mulher correspondesse um homem.

Nas organizações sociais mais bem sucedidas, provavelmente se encontraram os arranjos mais satisfatórios para resolver este problema. Outro dado básico que resulta disto tudo, é que a união homem-mulher não se deu inicialmente como consequência de um envolvimento amoroso, expressão pura de simpatias recíprocas, tanto no plano físico como intelectual. É claro que se tratavam de uniões por necessidade. Mais necessidade do que tudo. Não era conveniência; era sobrevivência. A união deveria durar a vida toda, pois era o tempo necessário para que todas as crianças (até há pouco tempo, muitas) crescessem e se tornassem independentes. Aí, os pais já estavam velhos; a situação de sustento deveria se inverter. Ou seja, os filhos é que deveriam ter as obrigações de sustento dos seus pais, já sem condições para o trabalho.

A descrição das relações familiares que eu fiz até agora foram intencionalmente desordenadas no tempo. Estava falando ao mesmo tempo das tribos primitivas, ao mesmo tempo do que ainda ocorre em nosso país com a grande maioria de sua população mais pobre. Era válido para todo o mundo ocidental (praticamente) até há poucas décadas. A situação da relação homem-mulher só começou a se modificar há muito poucos anos, e ainda assim só nos países desenvolvidos ou para pequenas minorias nos outros. A maioria de nós perdeu a noção de que estas coisas sejam tão recentes (e mesmo atuais nas classes sociais mais baixas). Desde sempre, ouvimos falar no casamento como uma decorrência do amor entre um rapaz e uma moça que se escolheram livremente. Porém, isto não foi sempre assim. Os casamentos por interesses de família predominaram durante o século passado, e há alguns povos que procedem assim até hoje. Mesmo nas classes sociais mais esclarecidas do mundo ocidental de hoje existem restrições familiares à livre escolha dos futuros cônjuges. Se aceita o amor como fator determinante da escolha, mas não como único. Um rapaz branco não terá o apoio de sua família se quiser se casar com uma moça preta. Uma moça judia de hoje poderá se casar por amor; porém, o rapaz deve ser também judeu. E assim por diante. Há resíduos

claros das formas anteriores de união, baseadas em complexas necessidades de sobrevivência, mescladas com mais intrincados ainda, esquemas de interesses das famílias.

A situação de total dependência das mulheres, a seus filhos e seus maridos começou a mudar nas últimas décadas, em virtude das mudanças básicas que têm ocorrido nos meios de produção de riqueza e, portanto, das crescentes possibilidades de trabalho feminino. Este depende em boa parte de um crescente número de atividades onde a força física se torna dispensável. No mundo desenvolvido, a maioria das pessoas exerce atividades relacionadas com prestação de serviços em geral sem relação com a atividade muscular. Há portanto, igualdade de condições objetivas para o trabalho das mulheres. Outro dado fundamental que modificou muito a situação das mulheres foi o aprimoramento dos recursos anticoncepcionais. Agora, elas podem ter tantos filhos quantos quiserem, na época da vida que acharem conveniente. Podem mesmo optar por não terem filhos. E isto modifica tudo.

Se tiverem uma atividade profissional razoavelmente bem remunerada as mulheres podem, hoje, ter filhos sem depender de um homem para o sustento dela e da criança. Neste sentido, pela primeira vez a fêmea humana se assemelha as fêmeas dos outros mamíferos; se tornou – é claro que ainda são poucas as mulheres que têm esta condição – independente do macho para os cuidados e alimentação de sua cria. E isto obviamente muda tudo. As características das relações homem-mulher podem se modificar, mas só agora. E é exatamente neste momento da história humana que aparecem os movimentos de emancipação da mulher. É uma tentativa, pelo menos inicialmente, de esclarecer homens e mulheres que as coisas como vinham se passando entre eles não tinham mais sentido. É claro, também, que o feminismo era um movimento de elites. As generalizações de seus conceitos é de absoluta ingenuidade. Aliás, falar em feminismo num país como o nosso é sempre temeridade. Uma das características também muito habituais no mundo atual é a chegada de certas informações vindas de algum lugar do mundo onde as coisas já sejam diferentes, para outros, de condições objetivas bastante diferentes. Os meios de informação são imediatos. As coisas se propagam muito rapidamente, mas, às vezes, chegam em certos lugares em momentos muito pouco oportunos. O feminismo, ou as tentativas de mudar as características das relações familiares, são do interesse apenas de uma minoria, porém, de uma minoria muito influente. E, apesar de tudo, influi também nas camadas mais baixas, pelo menos nos grandes centros urbanos. E isto ajuda a complicar ainda mais a situação: mulheres que são incapazes de uma atividade profissional independente exigem de seus maridos comporta-

mentos compatíveis com a nova situação da mulher, que ela não tem, e assim por diante.

Acho que vale a pena esclarecer este último aspecto agora. A rigor, a igualdade de condições das mulheres em relação aos homens só tem sentido e se justifica plenamente desde que haja igualdade de responsabilidades. É evidente que nem sempre as coisas têm ocorrido deste modo. Porém, a expectativa da igualdade de direitos é uma preocupação mais rápida e insistente na cabeça das mulheres do que o assumir suas posições e atividades no mundo do trabalho e da competição. Os homens, pressionados pela maciça insistência de suas mulheres e influídos pelas informações que chegam a todo instante através de todos os meios de comunicação, concordam em que elas tenham condições as melhores possíveis. O resultado é que a posição das mulheres de classe média entre nós é, ainda que aparente, melhor que a dos seus maridos. Estes trabalham o tempo todo. Elas são cercadas de enormes comodidades que as permitem evitar quase toda atividade doméstica e mesmo dos cuidados com os poucos filhos do casal. A conseqüência, que poucas mulheres percebem é uma enorme sensação final de inutilidade. E isto não é bom de se sentir. Há um vazio e uma insatisfação crescentes, que serão novamente abordados noutra lugar.

Um número crescente de mulheres, no mundo inteiro, procuram encontrar uma situação mais apropriada. Procuram atividades profissionais que as tornem realmente em igualdade de condições com os homens. E, aí, elas se vêem obrigadas a participar do mundo competitivo há muitos séculos dominado pelos homens. Competem com os homens em atividades até há pouco tempo privilégio masculino, em uma época em que a oferta de trabalho nem sempre é muito grande. Competem com quem está mais habituado a competir. Enquanto os meninos passam seu período de latência em brigas e disputas contínuas, as meninas brincam de casinha e de outras atividades que imitam as funções femininas tradicionais. O mais comum é que elas não sejam tão bem sucedidas quanto os homens neste mundo, que tiveram que incorporar, sem terem tido a alternativa de modificar, pelo menos parcialmente, as regras do jogo. Al'ás, é bom dizer de novo que a grande maioria dos homens também são mal sucedidos no mundo competitivo. Quase todos exercem atividades absolutamente desinteressantes, de caráter mecânico e absolutamente alienadas. É claro, que as mulheres, ao imaginarem sua entrada no mundo do trabalho, não se identificam com este contingente majoritário de homens. Elas pretendem uma atividade altamente diferenciada, com boa remuneração, atuação criativa, e, se possível, capaz de trazer uma boa dose de prestígio. E, em geral, ficam muito frustradas quando

percebem que a coisa não é bem assim, pois é raro para todo o mundo, homens e mulheres.

O meio de trabalho como existe é hostil e frustrador. As mulheres sempre o idealizaram, porque não tinham acesso a ele, e porque através dele vislumbravam sua libertação da condição escrava. E isto é verdade: porém, se compõe uma nova escravidão. A escravidão dos homens. E, infelizmente, homens e mulheres ainda não conseguiram muita coisa na verdadeira emancipação de toda a espécie humana. A mulher estava escravizada ao homem. Este à mulher. E ambos...

É desnecessário falar muito sobre a negação sistemática que foi feita da condição tradicional da mulher, e em particular dos habituais trabalhos domésticos. Só quero ressaltar mais uma vez que eles não são em nada piores do que a maioria dos trabalhos masculinos. Nas fábricas ou na lavoura, a coisa não é melhor. Também não vou me estender agora sobre o agravamento dos aspectos competitivos da relação amorosa entre homens e mulheres que estas coisas novas trouxeram. O fato é que as mulheres tinham uma expectativa do feminismo. Achavam que, finalmente, teriam uma boa condição de viver e de serem livres. Enganaram-se; ou melhor, frustraram-se. Passaram a padecer de maiores e mais complexas contradições, das quais ainda não há indícios de que estejam conseguindo se livrar. E isto repercute na relação amorosa de um modo ainda mais negativo do que as relações tradicionais. O resultado essencial de tudo isto é que o feminismo trouxe, ao menos por enquanto, piores dias para as mulheres; e evidente-mente também para os homens. Agravaram-se as insatisfações. Perderam a capacidade de serem mulheres e de realizarem com alguma alegria e com algum significado suas tradicionais funções; não conseguiram – salvo raras exceções – se realizar de um modo mais completo no mundo competitivo do trabalho, até há pouco "privilégio" exclusivamente masculino.

Para se poder entender adequadamente os determinantes básicos da psicologia da mulher, como ela é formada em nossa cultura, temos que levar em conta essencialmente a dependência dela em relação ao homem, determinada por sua capacidade – biológica – de cuidar e alimentar seus filhos. É tudo orientado no sentido de se formar personalidades adaptadas a esta condição de dependência. No sentido das concessões à liberdade individual que devem ser feitas para que o homem a aceite. No sentido de se compor o sutil instrumental de dominação indireta do homem, a serviço tanto de aliviar a insegurança e o medo de ser abandonada por ele – tragédia maior – como para atenuar a humilhação da dominação e controle unilateral. Penso que este aspecto é fundamental para o entendimento das mulheres; mas acho também que foi muito pouco explorado. Muita coisa se explica e se esclarece se partirmos deste dado como sendo o primeiro. Vejamos...

O desenvolvimento da sexualidade da menina é todo dirigido no sentido de se reprimir ao máximo qualquer manifestação nesta área. E isto acontece também com os meninos. Porém, durante a puberdade, as coisas assumem um caráter absolutamente divergente. A menina deve permanecer total-mente recatada : não deve mais ser absolutamente desinteressada, como até há pouco tempo. Mas, a virgindade ainda continua sendo uma coisa muito importante, que deve ser preservada a qualquer custo. Os rapazes, devido às suas inseguranças, continuam preferindo as meninas virgens. Estas dirigem suas energias fundamentais para o encontro de um rapaz com quem possam se casar e com quem estabelecerão uma condição de dependência grande, tanto no plano econômico como no emocional. E este ainda é o sonho maior de quase todas as moças.

O problema da sexualidade na menina é, evidentemente, mais complexo. Um dado fundamental, também pouco citado, é o de que devem se manter o mais possível recatadas, e ao mesmo tempo assumir uma atitude de maior capacidade possível de sedução e de ser atraente para os homens! E isto é uma brutal contradição. A imagem mostrada deve ser da maior sensualidade possível, e o comportamento do maior recato. Não é difícil compreender que este procedimento muito típico complica terrivelmente a compreensão das mulheres por parte dos homens. Desorientando-os, confundindo-os, irritando-os e fascinando-os. E esta é uma das armas femininas fundamentais. Aparecer muito atraente e não se entregar é, de uma certa forma, ter um controle do homem. É tudo muito triste, porém ao mesmo tempo necessário, levando em conta a enorme desvantagem da condição feminina tradicional. O que infelizmente ocorre é que as coisas estão bastante diferentes hoje em dia, a situação de dominação masculina está até em certos aspectos invertida, e as mulheres, mais do que nunca continuam usando estes tipos de recurso. E isto complica tudo entre homens e mulheres; e não é sem razão que os relacionamentos amorosos estejam tão complicados.

A premissa básica é sempre a mesma: manter um homem sempre perto, para garantir a sobrevivência. Fazer as concessões necessárias para que isto se perpetue. Essencialmente, manter o recato sexual, a virgindade, até o casamento. E também manter este estranho equilíbrio entre o recato e a manifestação da sensualidade. Deverá, portanto, quando adolescente, ser muito vaidosa, cuidar das formas do seu corpo, usar roupas o mais possível atraentes. Na hora da intimidade, ter apenas um interesse relativo; conseguir manter a intimidade em níveis aceitáveis (o menino deverá tentar o máximo a maior intimidade física possível; é o seu papel), para que possa ser uma pessoa confiável, ou seja, capaz de não deter-minar muitas inseguranças no seu futuro

marido, que precisa de todas as garantias de fidelidade (antigamente garantias de paternidade).

A terrível repressão da sexualidade, que se prolonga também de um modo ainda mais acentuado durante a puberdade, provoca enormes sentimentos de inferioridade e principalmente sentimentos de culpa. Estes, em virtude do fato de que a sexualidade é mais intensa do que o esperado pelo meio. Por exemplo, a masturbação durante a adolescência é sentida como muito mais criminosa pela menina do que pelo menino. As fantasias sexuais existem quase continuamente. Elas vêm misturadas com as fantasias amorosas, que apaziguam parcialmente os sentimentos de culpa. Não existe, como nos meninos, um conjunto de experiências sexuais durante a adolescência que possam atenuar os sentimentos de inferioridade, compostos da mesma forma que eles durante os anos da infância. E sentimentos de inferioridade e culpa geram uma enorme insegurança. E a insegurança determina sempre uma tendência a se seguirem os modelos mais convencionais de comportamento propostos por uma determinada cultura. E uma das características do modelo feminino no nosso meio é a fragilidade. A menina deve ser meiga, frágil, indefesa. Ela tem que ser protegida por um homem. E aí temos mais uma destas perigosas armas femininas. Através de sua incapacidade para realizar quase todas as atividades da vida adulta, ela mostra continuamente ao homem o quanto ele é imprescindível em sua vida, como sem ele ela não teria condições de sobrevivência. E o homem acredita nisto, sente-se mais responsável ainda. E gosta muito desta condição que atenua ainda suas inseguranças. E se deixa escravizar pela mulher, parcialmente pelo menos. Esta continua cada vez mais insegura e incapaz; ele cada vez mais comprometido e obrigado. Ela cada vez mais sem responsabilidades profissionais ou de sobrevivência; ele cada vez mais sobrecarregado.

Outro aspecto muito comum nas mulheres é um desinteresse geral por quase todas as coisas. E isto me parece fortemente relacionado a todo o processo repressivo a que ela tem que se submeter para que possa aceitar com mais serenidade e como necessidade a relação de dominação do homem. Apesar de todos os truques femininos que atenuam a humilhação da condição, a dominação básica final é a do homem, na maioria dos casos. O interesse maior das mulheres é a sobrevivência. Suas preocupações maiores são as materiais. A segurança delas e dos filhos.

O feminismo trouxe consigo a consciência da dominação masculina, no momento em que a relação dominador-dominado passou, pela primeira vez, a ser questionável. O modelo tradicional da relação familiar pôde ser questionado. Mas isto implica em profundas e radicais mudanças nos processos de educação de rapazes e moças. E estas

modificações ainda não se deram, pelo menos para a maioria. A rebelião das mulheres se fez contra os homens. Como se estes fossem seus inimigos. Os homens estavam envolvidos no mesmo tipo de condição de vinculação compulsória e, portanto, igualmente escravizados. Não há inimigos. Criou-se uma situação nova, sem paralelo na história do ser humano: o controle do número de filhos e a escolha da época em que estes vão nascer, aliados a mudanças fundamentais no tipo de trabalho criou a possibilidade das relações homem-mulher se tornarem menos compulsórias, menos escravizantes para ambos. E parece que as pessoas ainda não entenderam as coisas nestes termos.

As contradições se agravaram em vez de se atenuarem; os antigos artifícios femininos de dominação ainda não foram abandonados e as mulheres já obtiveram uma condição objetiva bastante diferente da de antigamente. A posição dos homens neste conjunto é ruim; as mulheres se aproveitam deste período de transição para continuarem com seus antigos privilégios e obterem os novos, até há pouco apenas masculinos.

O período que vivemos é de transição. É crítico e difícil. As pessoas estão muito perdidas, pois ainda não sabem se orientar e se compor diante da nova realidade, que é essencialmente a perda do caráter compulsório da relação homem-mulher como sistema básico para a sobrevivência da espécie. A nova geração de mulheres, capaz de rever as posições femininas tradicionais ainda está sendo educada pelas mulheres atuais. Estas, estão em conflito entre suas novas ambições de sucesso no mundo competitivo do trabalho e suas inseguranças derivadas do próprio processo de educação à qual foram submetidas. Estão profundamente infelizes e desajustadas. Já não sentem tanto apenas o encantamento pela condição feminina. Não conseguiram a satisfação que imaginaram quando chegaram ao mundo masculino do trabalho. Algumas já perceberam que a saída não é a renúncia à condição de ser mulher, mas outras ainda não. O que elas podem mostrar às suas filhas? O caótico estado de suas almas? Os seus sonhos não realizados? Não sei. O que eu sei é que a real evolução e a verdadeira mudança é mais lenta do que se pode perceber à primeira vista.

IV-AMOR POR DIFERENÇA

O início dos estudos sobre o amor é posterior ao da sexualidade. A ciência da psicologia nunca pareceu muito interessada neste assunto. As publicações são poucas, muitas vezes relacionadas com o amor mãe, filhos. A dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma

mulher começou a ser estudada de um modo mais sistemático há menos de 10 anos, de fato, depois da publicação dos trabalhos de Masters and Johnson a respeito da sexualidade humana, o que se deu em 1966. O trabalho de pesquisa sistemática destes autores demorou cerca de 10 anos; logo, há pelo menos uma década de atraso nos estudos sobre a dinâmica dos casais em comparação com o aspecto particular da sexualidade nos casais.

Este aspecto tenderia a parecer estranho à primeira vista, pois estamos acostumados a ouvir que vivemos uma cultura onde a sexualidade é um tabu muito significativo, o que tem contribuído muito para a má compreensão deste aspecto da vida. O que dizer então do amor? Que se trata de um tabu ainda maior do que a própria sexualidade? Parece-me que sim. E, portanto, sujeito aos mesmos mal entendidos que aprendemos a distinguir no plano da vida sexual. Mais uma vez, a ciência oficial só se ocupou deste tema quando os problemas com ele relacionados atingiram proporções catastróficas para chegarem a ameaçar a estrutura básica da família como a conhecemos, e que é um dos alicerces básicos de toda a estrutura social e de toda a organização política que rege a nossa vida em comum. Foi quando a frequência dos divórcios nos países da Europa e dos Estados Unidos cresceu brutalmente que se resolveu estudar a dinâmica dos casais. Apesar de que as várias técnicas de psicoterapia já existem acerca de 40 anos, foi no fim da década passada que se iniciaram os trabalhos com grupos familiares. Estes grupos naturais, encontrados e formados antes da presença de um médico, dentro dos habituais procedimentos terapêuticos, não deveriam ser atendidos pelo mesmo médico. (Até hoje, os psicanalistas de formação mais clássica não aceitam receber para tratamento pessoas que tenham estreitas relações com algum dos seus pacientes já em tratamento). As terapias do grupo familiar se iniciaram de um modo muito tímido, atendendo famílias que tivessem um filho portador de doença do tipo esquizofrênico, com a finalidade de tentarem detectar na estrutura do grupo algum subsídio para ajudar na compreensão desta estranha e ainda não completamente desvendada patologia mental.

A minha intenção é trazer alguns dados que me parecem muito significativos, derivados de uma extensa prática psicoterápica com problemas desta ordem, que hoje correspondem ao tema mais encontrado em uma clínica como a minha, onde lido principalmente com pessoas de classes média e alta, intelectuais, profissionais liberais, etc. Ou seja, com as minorias mais ricas e esclarecidas. E não creio que estes problemas estejam afetando apenas estas pessoas; são elas que procuram ajuda e orientação nesta área, por razões facilmente compreensíveis. Mas as dificuldades são gerais, as insatisfações são gerais.-É claro que pessoas que lutam desesperadamente pela

sobrevivência física deixam para um segundo plano suas insatisfações pessoais e amorosas, mas isto não pode ser de modo algum confundido com inexistência destes problemas, e muito menos se entender que as pessoas que têm seus problemas básicos resolvidos criem problemas na área amorosa apenas por capricho, ou como manifestação de um monótono estado de tédio.

Um dos dados que eu considero básico para a compreensão do homem atual é o sentimento de inferioridade. Não há quem não o possua. Não há quem consiga se dimensionar de um modo adequado. Algumas pessoas se vêem mais dotadas do que realmente são; mais do que se vêem, se comportam como se assim fosse. É tudo muito superficial. É mais uma das manifestações do mesmo sentimento de inferioridade, agora disfarçado em arrogância e superioridade. A maioria dá demonstrações mais claras da presença do sentimento de se achar menos, menor do que deveria. E este deveria ter sempre muito a ver com os modelos; com o comportamento esperado; com o que deveria ser. E todo mundo finge ser, mas sabe que está fingindo. Pensa que os outros – que também estão fingindo – são de verdade mais fortes, mais seguros de si, mais confiantes em suas opiniões e iniciativas. E se sentem cada vez mais compelidos a continuar a fingir; e cada vez mais se sentem menores; se sentem hipócritas, falsos, e, portanto, piores ainda.

Já falei sobre as origens genéricas dos sentimentos de inferioridade em outra parte. Vale aqui recordar que é este o resultado inevitável de todo um processo de educação baseado na repressão dos impulsos mais genuínos do animal humano – sexualidade e agressividade. Os portadores destes sentimentos – todos nós – não preenchem a expectativa dos seus pais e outros adultos significativos, que esperam (pelo menos é o que eles demonstram!) ter filhos dóceis, obedientes, fáceis de serem conduzidos, desprovidos de qualquer curiosidade ou interesse por partes do corpo que quando estimuladas dão prazer, etc. É evidente que estes problemas se agravam muito com o passar dos anos, pois o meio social mais amplo passa a exigir, a partir de uma certa idade (mais precoce no menino), um comportamento exatamente oposto àquele que seria o ideal dos pais. No caso do menino isto é mais nítido, porque o próprio pai muda de expectativa a partir de um certo momento. Assim, se um menino aos quatro anos de idade têm atitudes agressivas, especialmente em relação aos mais próximos, é fortemente castigado. O mesmo ocorre com qualquer manifestação da sexualidade. Porém, se aos 14 anos de idade ele tiver medo de enfrentar uma relação sexual, ou de enfrentar um outro menino que o desafiou em pontos básicos de honra, será outra vez energicamente censurado pelo pai. Este é apenas um exemplo esclarecedor do que se chama de "descontinuidade do condicionamento cultural" (Ruth

Benedict), e cujo significado no processo de perpetuação dos sentimentos de inferioridade é óbvio; apesar de óbvio, não creio que tenha sido realçado pela literatura psicológica, aparecendo apenas nos estudos de antropologia, e, portanto, como curiosidades e estranhas peculiaridades de certas tribos primitivas perdidas por alguma ilha do Pacífico ou qualquer canto da África.

Mais um aspecto, em particular, acho importante mencionar. É o que se refere à absoluta desconfiança na qual somos todos educados. Os adultos não confiam na capacidade das crianças de discernir coisa alguma. Nem mesmo se estão com frio ou não. Não confiam absolutamente no que diz respeito à preservação de sua saúde física ou mesmo de sua sobrevivência. E a pretexto de as proteger contra a morte ou as doenças, tiram toda a capacidade das crianças de desenvolverem por si só, as funções de se cuidarem e de se tornarem independentes e confiantes no seu próprio modo de avaliar o mundo e os perigos. E estas são funções básicas da razão em formação. A conclusão inevitável é a total desconfiança da criança no seu próprio discernimento, tanto para as coisas elementares da sobrevivência, como para todo o resto.

É evidente, também, que se espera que, apesar de tudo, quando adultos estejam perfeitamente habilitados para assumir responsabilidades e para viver de acordo com seus próprios meios e suas maneiras (que nunca se formaram) de pensar sobre o mundo e a vida! Quanto mais violenta e perigosa vai se tornando a vida, especialmente nas grandes cidades, mais essas atitudes dos pais se exacerba. Qualquer um de nós tem conhecimento disto; os nossos filhos não estão autorizados a fazer uma série de coisas que nós fizemos na idade deles. Ninguém teria coragem para dar a eles a "liberdade" de locomoção, de brincar na rua, nos terrenos baldios distantes, andar de bicicleta livremente, e outras atividades corriqueiras nas décadas passadas. O medo dos pais é justificado e é uma decorrência do aumento de perigos. Porém, para as crianças, o medo aumenta também. E duvido que alguém ache que isto terá resultados muito positivos. Uma educação baseada no medo; medo de tudo: de acidentes, de assaltos, raptos, drogas... É importante perceber que as inseguranças têm que estar aumentando. Que os jovens têm que se tornar cada vez mais estereotipados, mais iguais uns aos outros, mais apegados à televisão e às coisas que esta sugere, mais interessados em se divertir com brinquedos complexos, cujo interesse rapidamente se extingue. É evidente que com tudo isto será difícil criar uma juventude alegre, responsável, capaz de assumir seus encargos adultos sem medo (aliás, outra característica da época atual, já na vida adulta, é a de que somos obrigados a assumir cada vez mais precocemente, altas e sofisticadas responsabilidades; no plano do trabalho, quem não tiver

chegado a alguma posição de enorme responsabilidade até aos 35 anos de idade, terá sua carreira condenada: é difícil encontrar um novo emprego depois desta idade).

Os anos dos primeiros envolvimentos amorosos são muito especiais. Lá pelos 17 – 20 anos de idade, todos os elementos do sentimento de inferioridade que eu muito rapidamente esbocei aqui, estão presentes. É um período de rebelião, de contestação de tudo. O caminho para a vida adulta se faz pela crítica e pela contestação sistemática dos padrões familiares. E com toda a razão! Se isto não se der – salvo nos raros casos em que o ambiente familiar de origem foi de fato menos repressivo – a coisa está bem pior. Esta rebelião se alimenta de algumas conquistas importantes feitas pelos jovens neste período (sucesso na iniciação sexual do menino, boa aceitação social e aceitação melhor da própria sexualidade na menina), além de um outro aspecto que me parece básico: a solidariedade de grupo que é habitual neste período. O grupo de jovens adolescentes, todos padecendo das mesmas contradições e dificuldades, dão força a cada um e dão padrão de referência externo necessário para que se possa confiar no próprio discernimento, tão violento durante a infância.

E neste clima de libertação e de certa melhora, ainda que meio superficial, da auto-estima que surgem os encontros amorosos, muitos dos quais culminam no casamento. O sentimento de inferioridade, apesar das atenuações que permitem a vida social e a participação razoável nas atividades próprias da idade, está presente em todo o mundo. Ninguém se gosta. Ninguém se aceita. Sempre queriam ser diferentes. Tanto fisicamente como intelectualmente. Há sempre coisas absolutamente inaceitáveis. Estas variam desde as formas do corpo até à habilidade para cantar. Visto com um certo distanciamento pode parecer ridículo, mas enquanto vivenciado é trágico e muito triste; fazem esforços terríveis para se superar, para melhorar suas fraquezas. Ninguém absolutamente gosta do seu jeito. Ninguém sabe avaliar adequadamente. Ninguém conhece o seu verdadeiro tamanho. Em sentido algum. É evidente que não pode escolher para amar uma pessoa parecida consigo mesmo; tem que ser tudo diferente: tudo o oposto. Se eu não me gosto, não posso amar alguém parecido comigo. Eu quero para amar uma pessoa que possua todas as "virtudes" que eu não tenho e gostaria de ter. Tudo como eu vejo nesta época da minha vida, com os olhos de um adolescente que não se aceita e que procura melhorar sua auto-estima através da ligação amorosa com alguém que realmente preencha as exigências humanas da forma como eu acho que eu deveria ser mas não sou.

Quando eu encontrar esta pessoa, eu me sinto fortemente atraído por ela. Eu a amo. Eu a adoro. Eu me orgulho dela. Eu a invejo. Ela tem tudo que eu queria ter e não tenho. Não é possível imaginar que não a

inveja terrivelmente. Não é possível imaginar que eu não tenha tendências fortes de atuar segundo minhas invejas, ou seja, sabotar nela todas as coisas que são fonte maior da minha admiração. Tudo é recíproco. Eu sou objeto de inveja e de sabotagem justamente naquilo que eu mais sou invejado. É exatamente aí que residem vários dos aspectos mais característicos deste tipo de ligação amorosa. Por força da sabotagem, que em geral se manifesta em tentativas violentas de tentar modificar no outro justamente os comportamentos mais valorizados, surgem a maior parte das desavenças entre casais que se amam. Um aspecto interessante é que parece que de algum modo todo o mundo sabe disto; quanto mais insistentes são as pessoas para tentar mudar o outro em algum aspecto, mais o outro percebe que estas tentativas são um modo de dizer quanto admiram esta característica e, obviamente nunca se modificam; ao contrário, tendem a sofisticar cada vez mais esta qualidade. E isto provoca crescentes reações (derivadas da inveja) negativas, mas que na essência são bem compreendidas. Há dois níveis de comunicação: no mais superficial e visível, as irritações são crescentes, com tentativas progressivamente mais violentas de modificação de certos padrões de comportamento do outro, tentativas estas completamente ineficazes. No mais profundo e menos óbvio, as irritações são percebidas como sinal de admiração (apesar da sabotagem ser penosa e cansativa) e até mesmo funcionam como estímulo para as pessoas funcionarem exatamente na direção em que vinham funcionando. É claro que este mecanismo reforça os padrões de comportamento anteriores à ligação, radicalizando cada vez mais as diferenças entre os dois. Esta radicalização das diferenças determina um aumento crescente dos elementos de inveja, o que leva a um aumento ainda maior da agressividade e hostilidade entre os dois. Além do mais, dentro deste esquema, cada um dos dois desenvolve em si mesmo, por força da admiração (irritação) do outro, justamente os elementos que não gosta. E isto é um absurdo. E mais do que um absurdo. É muito estranho. Eu vou me transformando cada vez mais naquilo que eu não gosto, despertando no outro cada vez mais admiração, inveja e, portanto, agressividade contra mim, agressividade esta que eu recebo por ter desenvolvido em mim justamente as coisas que eu não queria!

Não acho que seja necessário estender muito a descrição pormenorizada dos detalhes do que seja uma ligação amorosa por diferença. O pouco que foi dito acima é bastante esclarecedor e significativo; é genérico e se presta para explicar uma boa parte dos complexos transtornos das relações amorosas. Parece-me claro também que só muito raramente as pessoas se desenvolvem verdadeiramente, isto é, na direção que elas gostariam, dentro de uma ligação amorosa. Sobra inevitavelmente um crescente gosto amargo, de frustração. E esta sensação é progressiva, bilateral; sempre bilateral. Por maior que

seja o desenvolvimento da personalidade global, e por maior que seja o sucesso prático deste progresso, não era o que realmente a pessoa queria para si. E assim a sensação de fracasso é inevitável, mesmo quando aparentemente tudo vai bem. É claro também que tudo isto vai desgastando bastante seria-mente a ligação amorosa; e nem sempre de um modo perceptível. Em geral, as pessoas são tomadas de surpresa pelo fato de não estarem amando seu companheiro da forma como vinham sentindo antes. É uma espécie de revelação'; momentânea e, em geral, passageira. Depois esta sensação volta com progressiva insistência, até que a consciência plena da quebra se caracteriza. E o mais comum é que as pessoas, neste ponto, procurem os pretextos imediatos para explicar o que está ocorrendo. Na realidade, há acusações desnecessárias, pois o outro está na mesma, vítima da mesma engrenagem. É suspeito que tenha sido sempre assim; apenas na atualidade, e ainda assim para uma minoria, existe a possibilidade de se tentar novas formas de ligação. E, como a compreensão do fenômeno amoroso ainda está muito incipiente, os perigos de repetição do mesmo padrão são muito grandes. No passado, os casais continuavam a viver juntos. Provavelmente após o desvendamento (ainda que parcial e pouco nítido para a consciência) destes mecanismos que derivam, de uma maneira indiscutível, do amor a relação se tornava mais abertamente hostil. As acusações mais claras; uns acusando os outros de terem destruído suas vidas, etc. Não há necessidade de se descrever estas coisas em detalhes, pois são muito tristes e penosas e todos nós já tivemos oportunidades de conviver com elas. A maioria dos nossos pais vivem assim; e nós não fomos poupados de suas confidências.

De tudo isto, resulta óbvio que as discussões recentes sobre a sexualidade humana, especialmente os problemas sexuais nos casais são muito pouco importantes. Não há clima, na maioria dos casais, para este tipo de encontro e intimidade. Não há clima para quase nada que seja realmente manifestação humana genuína. Todos os procedimentos da moderna sexologia, cuja finalidade seria o de encontrar técnicas de liberação sexual nos casais independentemente do clima geral da relação, devem ser revistas. Não se trata de negar a importância fundamental das descobertas feitas neste setor. Trata-se de entender a sexualidade como parte da relação humana mais ampla, francamente doente. E as dificuldades sexuais, na grande maioria dos casos, são apenas um sintoma, mais uma manifestação do desajuste geral. Curar os problemas sexuais de um casal que padeça de todas as outras dificuldades, parece-me uma atitude inadequada e até mesmo perigosa, no sentido de aumentar ainda mais a confusão e as mistificações que já são mais do que suficientes. É evidente que há casos onde as dificuldades sexuais são um dos temas iniciais do desajuste, especialmente em pessoas que ficaram mais machucadas do que o

comum durante os anos de infância e adolescência. Nestes casos, certos procedimentos específicos visando a melhorar as coisas na área sexual se impõem. Mas isto é a exceção. Envolve porcentagens pequenas, que com mais facilidade se pode entender relacionadas com patologia específica (0,5-1% da população). Porém, quando há dificuldades que envolvem 2/3 da humanidade, as raízes devem ser buscadas de outro modo, e as pesquisas devem tomar outra direção, mais genérica, mais sociológica do que psicológica.

Do que foi dito, resulta bastante claro que a maioria das pessoas vive uma ligação amorosa bastante vazia, frustradora, estimuladora de coisas não valorizadas. O mais importante é que não se dão conta disto a não ser depois de muitos anos. E nada disto é obrigatório. E não adianta absolutamente as habituais acusações; em geral nem mesmo as boas intenções de mudanças. O vazio se compensa com coisas materiais. Com roupas, automóveis, máquinas de todos os tipos, etc... E a cultura em que nós vivemos garante que esta é a solução. Estimula esta atitude o tempo todo; e a propaganda com freqüência sugere que o uso de determinados produtos levará final-mente ao encontro do amor. Enquanto isto, a cultura estimula também a sexualidade, o erotismo em geral, nem sempre em relação com o amor, que ela mesmo prega. E aí as coisas aparecem bastante contraditórias. Mas é tudo tão contraditório! O apelo publicitário é essencialmente sexual; o uso de tal ou qual produto leva as pessoas ao fácil encontro de um parceiro atraente. E esta indiscriminação sexual que ninguém mais quer também acaba sendo estimulada num ambiente social puritano e repressivo. De todo modo, o que parece claro é que o importante é continuar vendendo todos os produtos que se fabrica, manter estáveis as regras da economia e dos negócios; se o apelo tem que ser sexual, que seja.

Enquanto vivem uma relação amorosa pouco estimulante, e enquanto tentam compensar parcialmente isto com os efêmeros – mais indiscutíveis – efeitos excitantes das novas conquistas materiais, as pessoas vão continuamente sonhando com o amor. Com um amor que elas não sabem bem dizer como é que é, nem muito menos como se poderia encontrar. Nem mesmo se é viável. É provável que não seja absolutamente viável. É assunto para sonhar. A sociedade atual também dá ao seus membros os elementos para enriquecer os seus sonhos com o amor verdadeiro, com o amor heróico, com o amor impossível. As histórias de amor eram o tema favorito dos filmes de cinema até a década de 50. Continuam sendo o assunto básico das novelas de televisão. As fotonovelas de amor são as revistas mais vendidas no Brasil. As poesias, a maioria das letras de sucesso na música popular. Até hoje, de vez em quando, no cinema. As pessoas não deixam de sonhar com o amor. Nos últimos anos a maior atenção foi para a liberação da sexualidade, para todos os tipos de experiência nesta área.

E claro que a sexualidade também sempre representou uma forma importante de interesse e de preocupação. É outra das coisas que se sonha. Com todos os tipos de extravagâncias; se sonha com tudo que é proibido. Parece curioso dizer que o amor é proibido; mas, senão, porque as pessoas sonham com ele em vez de vivê-lo? A vivência por um número crescente de pessoas de várias das experiências sexuais tidas como extravagantes ou promíscuas não levou a uma diminuição do interesse pelo amor. Até pelo contrário, parece-me que após um período de indiscutível predomínio do erotismo e de preocupação essencial com as coisas da sexualidade, estas mesmas pessoas estão cada vez mais se voltando para o amor. É um retorno romântico onde a sexualidade desempenha, é claro, um papel bastante significativo, bastante diferente, portanto, do romantismo platônico do início do século passado. Resumindo, o aumento da liberdade de expressão sexual que envolve um número crescente de pessoas – especialmente os jovens – não está em nada subtraindo o interesse pelo amor, que aparece numa expressão bastante romântica como sendo o anseio humano maior.

O envolvimento amoroso é, na nossa cultura atual, o fator básico que determina o casamento. E isto é uma coisa muito recente. O amor substituiu os interesses de família como sendo o determinante da ligação conjugal. Mas isto não quer dizer, de modo algum, que as pessoas tenham direito de escolher livremente a quem vão amar. Ou seja, existem regras muito claras para que um envolvimento amoroso seja tido como sadio e, portanto, aceitável. É necessário que os jovens se envolvam com parceiros de igual condição sócio-econômica (ou discretamente superior, mesma cor, mesmo credo etc. E assim mesmo é muito raro que ambas as famílias estejam plenamente satisfeitas com a escolha; porém, respeitadas estas regras básicas, as ligações dos jovens são aceitas; apesar das evidentes reservas de alguma das famílias; mas esta assume uma atitude de certa complacência pela escolha inadequada; enfim, "são estas coisas do amor, que ninguém entende direito". "Não era bem o que nós queríamos, mas com os jovens ninguém pode..." é uma frase que até hoje se ouve com regularidade. Evidentemente, por parte da família mais bem assentada, e isto segundo os critérios de ajustamento familiar e sucesso do meio. Ou seja, uma pequena dose de liberdade é dada; melhor, tolerada. É indiscutível que ainda existem fortes influências da família na escolha dos cônjuges dos seus filhos. E quanto mais elevada for a condição econômica da família, maior será esta interferência, feita em nome de evitar a aproximação de oportunistas de todo o tipo. E claro que a influência das famílias só se faz hoje em função das vantagens que elas exercem sobre os jovens; não há nenhuma proibição de fato. Um grande número de rapazes e moças se casa sem o consentimento das famílias; mas as pressões são grandes e ainda poderosas. O casamento

baseado exclusivamente no amor, emoção irracional que não vê conveniências ou interesses, ainda não é uma realidade habitual. Conforme o grau de reprovação exterior, maior a tendência a que o envolvimento amoroso adquira características do amor-paixão, sempre associado a situações de impossibilidade (cada vez mais raras e menos drásticas, apesar de tudo). É uma situação em que o amor se complica com enormes ansiedades, sentimentos de culpa, etc. Tem um sentido de rebelião, de contravenção. Especialmente nos jovens, pode ser muito influenciado por uma tendência natural de oposição aos padrões impostos pelos pais. Em nome disto, a tendência geral é a de atribuir a estes sentimentos um caráter de doença. E a psicologia está aí para explicar tudo, para interpretar as razões desta rebeldia (e não rebelião!). São os desajustes emocionais, a revolta natural dos jovens contra seus pais, os conflitos edipianos não adequadamente resolvidos os responsáveis por tais envoltimentos emocionais em franca oposição ao bom senso e, evidentemente, condenados ao fracasso em muito pouco tempo. Nada que fuja às regras claras derivadas até hoje das ligações matrimoniais de conveniência das famílias, que apenas aparentemente desapareceram, é aceitável como sadio; e os prognósticos a longo prazo são os piores possíveis.

Mais grave ainda serão as coisas e mais drásticas as atitudes familiares se este envolvimento amoroso vier associado a outras formas de rebelião (ou rebeldia?). Se o rapaz se desinteressar dos seus estudos regulares e decidir que é melhor levar a vida como andarilho, ou como músico, está cada vez mais patente a doença. Se houver um desprezo por parte da moça no que diz respeito à sua vaidade no vestir-se e também um desinteresse progressivo por todas as coisas materiais até então muito importantes, está aí outro forte indício de patologia e de grave inadequação. Enfim, quanto mais extravagantes e não habituais os comportamentos (em comparação com o modo de vida comum das pessoas), mais evidentes são as provas de que se trata de algo anormal, de uma verdadeira doença mental, que deverá ser combatida de qualquer maneira, usando-se todos os recursos disponíveis para se impedir que uma ligação amorosa persista nesta direção. E não interessa absolutamente que as pessoas envolvidas na situação amorosa estejam bem. Não podem estar bem! É apenas uma ilusão passageira; não vai durar esta sensação de estarem vi-vos, de se aceitarem melhor, de se perceberem com mais clareza, de se sentirem com mais confiança naquilo que eles pensam e acham das coisas e, principalmente, no modo como eles acham melhor viver.

E o mais grave: tudo isto que os pais condenam nos seus filhos, toda esta rebelião em oposição aos padrões habituais da cultura, é exatamente o que eles sempre sonharam para eles. É exatamente o que acontece em todas as histórias de amor que a literatura, cinema,

televisão mostram a todo momento. É exatamente o que a publicidade exalta no afã de vender mais produtos.

Conclusão: o amor é um estranho sentimento muito pouco conhecido, sem regras, que leva as pessoas a melhorar sua auto-estima, a se avaliar melhor, a confiar mais no seu discernimento e portanto a atuar conforme um modo próprio e individualizado de ver o mundo e as coisas. Neste sentido ele se confunde com formas muito sérias de rebelião, que não podem, de maneira alguma, ser toleradas pelo meio. É um cri-me grave, uma transgressão perigosíssima, que deve ser punida com a morte (Romeu e Julieta). Pode ser vista também como uma grave doença mental, como uma forma de loucura que desajusta o indivíduo em relação ao seu ambiente social, cheio de condutas excêntricas próprias desta condição. Neste segundo caso, a punição passa a ser do domínio da medicina. É evidente que há exageros nestas conclusões; ninguém é realmente condenado à morte ou internado num sanatório à revelia por causa do amor. Mas as sensações são bastante maiores do que pode parecer à primeira vista. Há rejeição familiar intensa, estimulação brutal de sentimentos de culpa, acusações de todo o tipo, evidentemente muito mais fáceis de serem superadas hoje do que no passado, mesmo recente.

Na prática as ligações amorosas devem ser também de conveniência, razoavelmente aceitáveis por parte das famílias envolvidas. Devem se basear em diferenças fundamentais entre os parceiros envolvidos, de tal modo que as diferenças sejam o fator de admiração, inveja e sabotagens que determinam o agravamento das diferenças. Tudo isto funcionando como reforçador básico dos sentimentos de inferioridade originais de cada um, de tal forma que, subestimando sempre a si mesmo, homens e mulheres se tornem mais acomodados e mais dóceis quanto às regras impostas pelo meio. O amor como rebelião, como ligação entre pessoas de modo a determinar uma melhor avaliação de si mesmos necessária para esta rebelião, a ligação que dê às pessoas coragem para procurarem novos modos de pensar (e acreditar no que pensam) e viver, é só para ser sonhado. Não para ser vivido. Quem alimenta os sonhos de todos são os poetas. Sua função social é muito importante : criam o material e as variações necessárias para o sonho das pessoas. Têm que ter uma vivência diferente; ninguém pode inventar tantas histórias sem também vivê-las. O meio social é condescendente com eles. Todos aceitam com bom humor suas extravagâncias e excentricidades. Mas só de artistas, de ninguém mais.

V-O AMOR

Se a melhor parte da alma é, pois, a vitoriosa e os conduz a uma vida bem ordenada e filosófica, eles passam o resto da existência felizes e em concórdia, governando-se honesta-mente, escravizando a parte da alma que é viciosa e libertando a outra que é virtuosa. E ao morrer recebem asas e ficam leves porque venceram um dos três combates verdadeira-mente olímpicos, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um homem. Mas se se dedicam a uma vida em comum sem filosofia, e contudo honesta, pode suceder que os dois corcéis rebeldes os dominem num momento de embriaguez ou de desordem e os corcéis indomáveis dos dois amantes, apoderando-se de suas almas pela surpresa, os conduzirão ao mesmo fim. Eles escolherão o gênero de vida mais invejado aos olhos do vulgo e se precipitarão nos gozos. Satisfeitos, gozarão ainda os mesmos prazeres mas isso será raro, porque esses mesmos prazeres não serão aprovados pela totalidade da alma. Terão uma afeição que os ligará mas que será sempre menos forte do que aquela que liga os que verdadeiramente se amam.

PLATÃO – FEDRO (256)

É incrível como pode ser rica a relação de um homem com uma mulher! É necessário a presença de uma relação amorosa plena e (quase) sem restrições. É necessário um cuidado brutal para não se invadir o outro, porque isto é muito fácil, porém destrói uma parte importante da riqueza, que é a plenitude do outro. A contaminação física e mental é inevitável e de uma produtividade total. O mundo ganha cor "real". O real e o imaginário se confundem. Será isto a aceitação de si mesmo?

O encontro físico é estranho neste estado. É peculiar. É total e totalmente ingênuo. É intenso demais em certos momentos. É assustador, porque é a perda dos limites da individualidade. É realmente a perda total da consciência; é quase loucura. É divino. A gente tem que se acostumar, porque no início dá muito medo! É uma viagem interplanetária, por rotas nunca antes percorridas. É uma nova virgindade. É sensível e sujeito a enormes variações. É delicado; é animal. É um macho e uma fêmea se encontrando, se atraindo violentamente e se mordendo e se assustando e se entregando e se lambendo e se possuindo e rindo da felicidade plena. E o rosto se modifica e os olhos são de euforia e ternura intensas. E o homem e a mulher se olham muito e entendem tudo. E tudo real e plena fantasia. Abstração total de tudo que está em volta, é o desligamento pleno do concreto; é uma viagem; é a loucura; é a plena saúde! É a aceitação de si mesmo, e do

outro, e de toda a humanidade. É a compreensão de como os homens têm sido idiotas em procurar sua paz e sua harmonia em sofisticações e coisas materiais quando é tudo tão simples. Está tudo ali, está tudo concentrado em torno do encontro de dois corpos muito especiais e duas cabeças semelhantes à procura do mesmo nada, que é o verdadeiro tudo.

É; a gente pode perder o medo da loucura. Pode perder o medo de dar ao mundo interior imaginário a mesma dignidade do "real". O real é um estado temporário, histórico, imposto (quando eu cheguei ao mundo ele já estava aí, com as regras do jogo todas determinadas, nem sempre ao meu gosto). É muito cruel e está tudo caminhando numa direção destrutiva e mortal e, ao que parece, esta rota é irreversível. Talvez seja o momento para se tentar introduzir outros modos de pensar e de ser que saiam fora das regras do jogo, até mesmo como uma tentativa de salvar alguma coisa e impedir a destruição total da humanidade. O devaneio e a fantasia são tão "reais" neste momento quanto o real. Porém, muito menos imposto: é livre, imaginoso, individual, pouco exigente de coisas. Só necessita, para ser útil a quem fantasia, de um parceiro. De um amor. De um companheiro de viagem.

A fantasia dentro da ligação amorosa é uma nova dimensão da alma humana. Não tem nada a ver com os devaneios de frustração e solidão. Estes são monótonos e repetitivos. Quem está com fome só pode sonhar com comida. O devaneio de amor, a imaginação solta e livre de quem já tem tudo! Criação verdadeira, é a descoberta de tudo. Tudo de novo, um aprendizado. Outra dimensão. São outras as cores. É realista e surrealista. Visão panorâmica do mundo, da vida, das coisas. É tudo como poderia ser... E tudo como poderia ser, pode ser! Pode tudo. Não precisa de nada; e é só por isso que pode tudo. É porque tanto faz. Será isso a aceitação de si mesmo?

Não há medos (a não ser, de vez em quando) de espécie alguma. A fantasia, pode ir até onde ela for. O amor é a força motriz e a certeza de que se pode voltar da viagem. O real não interessa. O real é preconceituoso, rígido, sem liberdade; não é de verdade; parece "faz de conta". Foi inventado. Não é natural. O natural, o verdadeiramente humano é a busca incessante desta imaginação sem preconceitos que deriva do amor. E a partir daí o real de hoje parece grotesco, ridículo e sem nenhum interesse, não ser o de manter-se as aparências para não ser preso em algum hospício.

O natural foi sendo perdido pelo caminho, no passar dos séculos (em particular deste último). Foi sendo substituído por invenções geniais, "reais" e o novo "natural" se integrou de tal forma que a gente se não tomar cuidado nem percebe mais coisa alguma. Por exemplo, a televisão é uma coisa natural, real. Uma sala de visitas, com um sofá, duas cadeiras e uma mesinha no centro é uma coisa natural e real. Criar

galinhas no quintal é uma coisa ridícula, uma loucura, sinal de clara insanidade. A imaginação que deriva do amor e da plenitude recusa tudo que existe e procura uma nova integração do homem com o meio, sem aceitar como real coisas só porque já as encontrou e se familiarizou com elas através dos órgãos dos sentidos. Critica tudo que existe; inventa novas soluções. Inventam um mundo de verdade! O verdadeiro é o que é necessário para a boa ligação amorosa e a relação das pessoas apaixonadas com o mundo. É o mínimo necessário. E o que interessa de fato a cada ser humano. É o que se precisa. É o belo, mesmo sem valor de compra e venda. É um belo muito especial, que não tem nada a ver com a beleza, e sim com a pureza, o que vem a ser a mesma coisa, apesar de parecer tudo muito confuso e diferente. O belo é o cristalino, o transparente, o colorido de verdade, isto é, a cor que vem do ser que se ama. Cada pessoa tem uma cor.

E esta mudança de percepção, esta capacidade de se sair do plano mesquinho das coisas que cercam cotidianamente todos nós, é a maior dádiva do verdadeiro amor. Daquele que traz junto consigo a aceitação de si mesmo através da aceitação do outro em tudo semelhante à gente. É como pensaria e veria a vida o animal humano desde sempre se ele não tivesse sido fortemente aniquilado durante os anos e séculos de amesração a que tem sido submetido, em nome de interesses escusos disfarçados em palavras como progresso, civilização, ciência, etc...

E a vida fica tão simples; tão sem importância e ao mesmo tempo tão fundamental. É desnecessário fazer alguma coisa de muito importante; não é também proibido. Tanto faz, se sair, saiu. A vida fica sem pressa. No imaginário do amor existem os absolutos que dão paz e serenidade, coisa que os homens têm buscado sempre, antes de Deus e agora na ciência. E o ser humano precisa de paz para poder inventar um mundo novo, rico, criativo, imaginoso e sadio. É do amor, deste sentimento especial que só uma mulher especial pode dar a um homem (e vice-versa) que todos nós precisamos para podermos nos salvar deste "real" apocalíptico e massacrante. É o amor que dá significado ao simples, à poesia, ao inútil (que é o verdadeiramente útil) ao essencial. E o que faz o homem existir e não simplesmente viver e procriar.

O amor é a liberdade total, para além das fronteiras do "real" e das regras de uma dada sociedade. Porém como todo remédio milagroso, pode ser também um veneno mortal! Todo cuidado é pouco. Atenção. É preciso prevenir o amor de toda contaminação do "real", porque o real propõe também regras para o amor, mas estas regras são como um cavalo de Tróia: são o fim do próprio amor. O real é o domínio do ódio, da mágoa, do ressentimento e não se pode esperar outra atitude em relação ao amor que não seja a vontade de sua total exterminação. É preciso não abrir luta direta e frontal precipitada contra

o real, não se deve subestimar um inimigo tão forte e poderoso. Disfarçar é uma boa política. É a política do faz de conta, o que não é difícil, porque tanto faz.

O amor é a liberdade plena. É a saciedade. É a paz e a harmonia interior derivada dos absolutos que a gente aprende só de encostar a mão no rosto da mulher amada. É um redimensionamento imaginoso, simplificado e sem preconceitos, da vida e do modo de vida. É um cotidiano despojado e onde quase nada é importante. É a música, o belo-pureza, a poesia, o fazer café, fumar um cigarro, ler Platão, fazer pão, e tudo bem devagar, tudo com plena atenção e dedicação. Tudo com enorme seriedade, apesar de não servir para nada no real, é tudo isto básico e essencial para a existência.

A sexualidade no amor tem outra cor. É portentosamente gratificante e satisfaz plenamente, até mesmo à mulher, animal mais difícil que o homem nesta área. É provável que assim seja porque o sexo deixa de ser contaminado com certas coisas do "real" que o tornam uma coisa muito estranha e se compromete em definitivo com o amor. Com a imaginação, com o novo mundo velho do ser humano natural e verdadeiro.

O amor, a imaginação derivada do amor, o sexo do amor, não buscam competição, comprovação, eficiência, desempenho ou resultados. Não buscam nada. Eles são. E só sentir. E o homem e a mulher passam a existir. E tudo tem sentido. E tudo é tão peculiar. É tudo tão igual. Ou não...

VI-CONCLUSÃO

Um novo modo de se entender um determinado aspecto da vida pode ocasionar nas pessoas reações muito variadas. Após uma fase inicial de perplexidade, toda a gama de emoções, desde o mais negro pessimismo até a mais deslumbrada visão otimista, pode aparecer. E isto depende mais do que tudo da maneira como cada pessoa é; de sua vida pessoal. A psicoanálise clássica nos dá uma visão pessimista e sem esperança para o homem, mais particularmente para a vida humana em sociedade. O animal humano, naturalmente, é muito agressivo e há necessidade de se compor regras rígidas de repressão de seus instintos para que a vida social seja possível. É claro que não há saída, se partirmos deste ponto de vista. A solução é a resignada aceitação das estruturas sociais tal como elas são e a tentativa é de viver em paz dentro delas. É claro também, que esta atitude desvia imediatamente a atenção do estudioso para o homem e seu intrincado mundo interior,

cheio de contradições insolúveis e que devem, pelo menos na prática, ser controladas. Não existe nenhuma intenção de análise do meio social dentro desta abordagem; nem das possíveis mudanças sobre a estrutura interior do homem em função de estar vi-vendo numa outra forma de organização social.

Os que estudam principalmente as ciências sociais têm, com frequência uma visão muito simplificada do animal humano. Tudo se resume na estrutura da sociedade, à qual o homem naturalmente se adapta e se orienta. Se voltarmos ao exemplo da agressividade, esta pode ser entendida também como uma manifestação indireta de uma organização social exageradamente repressiva, o que deixa pouca liberdade de locomoção e de pensar para o homem, que assim se torna mais violento do que na realidade seria necessário. É provável que isto seja também verdadeiro. Porém, o animal humano é, por natureza, bastante violento. É muito difícil se detectar o ponto ideal de repressão que determinasse uma organização social ideal para a plena expansão das potencialidades criativas do homem, com mínimo de manifestação agressiva. Parece-me claro que os estudos interdisciplinares se impõem, para que se diminua a fenda existente entre a psicologia e as ciências sociais, de tal forma que se possa ter uma visão mais realista e menos parcial do problema.

Trabalhando com problemas da sexualidade e da vida amorosa, estou tentando esclarecer alguns aspectos importantes da psicologia normal. E aí então é que as fronteiras entre o subjetivo e o objetivo que cerca o homem se tornam ainda menos nítidas. Eu penso que o dado subjetivo principal que deriva de uma maneira clara do meio social a que o homem está sujeito, é o sentimento de inferioridade. A precária avaliação de si mesmo é um fato universal, geral, e bastante claro para ser indiscutível. Sua relação com a atitude repressiva das manifestações mais espontâneas da criança por parte dos adultos responsáveis pela educação já foi bastante vezes citada neste livro. Já falei o bastante também dos mecanismos de perpetuação deste sentimento no decurso de toda a formação, até o final da adolescência e mesmo durante a vida adulta; vale repetir aqui que o dado básico é a necessidade de preencher modelos inatingíveis, tanto para o homem quanto para a mulher; o não preenchimento – inevitável – serve como reforço para a baixa auto-estima. Em virtude desta precária auto-avaliação, o homem não tem a menor condição de confiar em seu próprio discernimento e no seu juízo das coisas e mesmo da estrutura da sociedade em que ele vive. Torna-se portanto, dócil e pouco inventivo; repete sem criticar os padrões a ele impostos pelo meio; aceita tudo, porque se sente fraco e sem direitos (às vezes aparece como se sentindo com direitos especiais, a mais do que os outros, mas isto é, na realidade, necessidade de provas de amor e compreensão) ; é pouco reivindicador, humilde (aqui

também, em um bom número de vezes, aparece como arrogante, mas é uma tentativa superficial de se esconder, de não deixar os outros saberem de sua real condição); é cheio de medos, absolutamente sem coragem. Enfim, se sente sempre pior do que outros e faz tudo para passar despercebido o que consegue bastante bem, sem titubeios, em todos os procedimentos habituais de uma determinada sociedade

E nada disto está melhorando. Bem ao contrário, todo o progresso da ciência e da tecnologia e mesmo da psicologia em nada estão ajudando o homem a se sentir mais válido, mais digno e mais confiante em seus juízos. O homem está mesmo é cada vez mais amedrontado; muito deslumbrado com a capacidade da espécie de fabricar sofisticados equipamentos para tudo, muito orgulhoso disto e cada vez mais intimidado e humilhado por isto mesmo.

A complexidade crescente das organizações sociais exige, parece-me indiscutível, um crescente sistema de controle das atividades e comportamentos humanos. As sociedades têm, forçosamente, que se tornar mais repressoras, porque senão perdem o controle de tão difícil situação, como é o caso de aglomerados humanos de até 10 milhões de pessoas circunscritas na área de uma só cidade. A liberdade de cada um tem que diminuir; não há lugar para excentricidades ou iniciativas que fujam das regras cada vez mais estritas. O homem, ao mesmo tempo, se torna mais exigente, não só de coisas materiais; mais informado, anseia por liberdade, apesar de desconhecer o sentido exato desta palavra. E o resultado disto é que os meios de repressão se tornaram mais sutis, às vezes, muito pouco visíveis. E tudo se passa como se o mundo atual representasse mesmo o anseio da maioria das pessoas. A psicologia foi de grande ajuda para o aprimoramento das técnicas de repressão menos óbvias e camufladas que o mundo ocidental emprega; e tudo começa bem cedo, desde o nascimento. Os mecanismos são aqueles que estimulam um crescente sentimento de inferioridade, que uma vez presente faz com que o indivíduo aceite tudo; mais do que isto, queira tudo decidido por ele, pois não confia em si para nada.

A agressividade, nas suas manifestações evidentemente mais sutis (pois tudo é mais sutil agora), especialmente transformada em competição indiscriminada por melhores posições de trabalho e de renda, continua presente. É impossível dizer se maior ou menor do que antes. Mas presente também nas suas formas mais grosseiras (guerras). Presente em suas formas novas, como a poluição, o trânsito, os acidentes, etc.

Aumentada em suas formas comuns de banditismo, como a delinqüência juvenil, assaltos com armas, etc. Enfim, está em todo lugar e com todas as formas, desde as mais antigas como as mais inventivas e incomuns. E claro que a relação entre um homem e uma mulher não poderia ficar a salvo. Aí, também, a agressividade chegou, trazendo a

competição e as rivalidades, antes só presentes no mundo do trabalho, para a intimidade da relação amorosa. Comprometeram-se também, de um modo impressionante, as relações de amizade. Estas, hoje, praticamente não existem mais. E todo o mundo se queixa disto; e se procuram sempre as explicações psicológicas, subjetivas, para se tentar entender este fenômeno que está amargurando as pessoas muito mais do que se pode suspeitar numa abordagem mais superficial.

Com o feminismo, justo processo de trazer as mulheres a uma condição igual ao homem, se iniciou um crescente aumento das rivalidades entre os sexos. No processo emancipatório as mulheres, antes praticamente escravizadas não propriamente pelos homens, mas por uma condição que depende da biologia (prolongada dependência da criança humana em relação à mãe) e que foi o ponto de partida da organização familiar, viram os homens como seus piores inimigos e seus tira-nos. Não foram capazes de perceber que a condição dos homens não é em nada melhor do que a delas; que estes estão também escravizados por uma engrenagem de trabalho e competições necessárias à sobrevivência. Só uma pequena minoria de homens é mais livre de verdade. Não puderam perceber que os homens são escravos de suas necessidades de preencher modelos impossíveis de serem atingidos e que os tornam fracos, inseguros. E que as formas tradicionais de dominação da mulher eram apenas uma decorrência disto. E que a solução não é a luta entre os sexos; é outra vez uma distração para os problemas maiores que envolvem a humanidade inteira.

Como estão postas as coisas, o elemento capaz de modificar de uma maneira significativa a auto-estima de homens e mulheres no início da vida adulta seria o amor. E também a solidariedade dos grupos, onde as sólidas relações de amizade poderiam também dar suporte a tendências mais originais e inventivas do ser humano.

Quanto ao amor, que é o nosso tema aqui, sua função libertadora é rapidamente comprometida. Em virtude mesmo do sentimento de inferioridade e, portanto, das pessoas absolutamente não se aceitarem, a escolha do parceiro tem que ser feita por diferença. E isto traz consigo quase que imediatamente os elementos destrutivos derivados da inveja; não se pode deixar de invejar quem é como a gente gostaria de ser. Admiração e inveja se misturam e o resultado é o reforço de todos os componentes originais da personalidade anterior de cada um e que não são absolutamente do agrado. Com isto se forma um complexo dinâmico muito especial e cujo resultado é o contínuo agravamento das diferenças individuais, o que inevitavelmente levará à ruptura do vínculo amoroso (o que não quer dizer que haja ruptura da relação do compromisso social). É claro também que estes mecanismos se agravam terrivelmente pela já constante situação de rivalidade competitiva mais

das mulheres em relação aos homens, que já falamos acima. O resultado é um brutal empobrecimento do sentido e significado da relação interpessoal mais íntima. Este vazio tende a aumentar o interesse pelas coisas materiais, como compensação mínima para uma vida cheia de esperanças e propostas bonitas, mas que na prática é absolutamente vazia.

Falar da vida sexual dos casais neste contexto parece até grotesco. Pensar-se em desenvolver técnicas para conseguir liberar o desejo sexual e a capacidade de orgasmo é fechar os olhos para os graves e complexos problemas de relação homem-mulher em geral. É procurar um remédio para um sintoma isolado. É reforçar a idéia de que a sexualidade deve ser entendida como uma função à parte. O lógico é que a maioria dos casais, que vive as contradições que falamos, tenham problemas sexuais. E isto explica bem porque a frequência média das relações sexuais nos casais está diminuindo nos últimos quarenta anos, porque existem 2/3 das mulheres incapazes de experimentar orgasmo, especialmente na penetração vaginal, etc. Isto explica também porque as mulheres, em particular, têm mais facilidade de experimentar prazer sexual nas relações extraconjugais, desprovidas de tão complicadas tramas da vida em comum.

O aumento das manifestações de violência e competição na relação homem-mulher, que é um sintoma do aumento das rivalidades e competições e outras formas de violência do meio em geral, associado a uma absurda exigência na formação masculina que associa capacidade de atuar de um modo agressivo com competência sexual como macho, parece-me um fator importante no brutal aumento do número de homossexuais (especialmente masculinos) que se verificou nas últimas décadas. É claro que isto não explica todas as formas de homossexualidade. O mais provável é que esta condição não tenha uma explicação única, válida para todos os casos. Também acho importante ressaltar que não é obrigatório que a explicação para o atual aumento da frequência da homossexualidade seja a mesma de outros tempos, como é o caso da Grécia antiga. Estas precipitações que procuram com exagerada rapidez esclarecimentos totais de uma condição tão complexa como é o caso da homossexualidade, em nada ajudam.

O amor entre pessoas semelhantes determina, indiscutivelmente, uma menor atitude agressiva a percorrer os momentos da ligação. O componente de inveja é muito pequeno, ou mesmo, inexistente. Existem, é claro, as dificuldades derivadas das complexas rivalidades entre homens e mulheres neste período da história. Mas tudo isto pode ser bastante atenuado porque o tipo de intimidade e de comunicação que se estabelece neste caso é tão fácil. Aqui sim é que se encontra uma significativa melhora da auto-estima, apesar de que a situação pode ser complicada com fortes ansiedades derivadas da enorme

dependência que inevitavelmente ocorre. Também em decorrência disto, o ciúme pode perturbar muito o bom andamento da relação. Se se consegue superar estes obstáculos, a relação é rica, criativa. As pessoas assim envolvidas se aceitam melhor, têm de si uma visão cada vez mais adequada; e por isso mesmo tendem a compor modos de vida mais ou menos próprios, sendo capazes de tentar viver conforme acham que pode ser melhor, em vez de simplesmente reproduzirem o modelo imposto pela cultura. Há uma tendência à reprodução da importância das coisas materiais e dos consumos em geral, um aumento do significado do imaginário, com diminuição do interesse pela luta competitiva e pelas glórias habituais dos bem sucedidos, que de certo modo eles já têm. Estas coisas sempre apareceram na literatura romântica, desde as poesias das músicas populares até nas obras mais eruditas do romance e do cinema.

A atitude do meio em relação ao amor é muito curiosa e evidentemente contraditória. As regras básicas da organização são de caráter competitivo e, portanto, derivadas da agressividade. E isto é o oposto do amor. Mas não se pode ser contra o amor. O amor é o determinante das ligações conjugais já há algum tempo; mas isto não quer dizer que não haja regras claras para o adequado envolvimento amoroso. Há as regras da saúde mental, que são tão importantes quanto as da moral. O medo da loucura é outro fenômeno muito mais comum do que se pode supor à primeira vista; as pessoas têm vergonha de ter este tipo de medo e não conversam sobre isto com ninguém. Se o amor por semelhança determina aumento da auto-estima e uma tendência a uma vida mais livre das regras habituais, é evidente que não há de ser do interesse de uma organização social preocupada em criar o maior número possível de regras para garantir uma estabilidade razoável para suportar sua crescente complexidade. Sempre que possível o estimulado na prática é a ligação por diferença, que determina a tradicional união conjugal competitiva apta para participar do meio externo também competitivo. Amor associado à idéia de rebelião, mudanças no modo de ser e de viver é coisa vizinha da insanidade. Mas é bom. Mas é perigoso.

Enfim, amor com rebelião é coisa para ser sonhada; o próprio meio social estimula a produção de material para alimentar estes sonhos. Mas não foi feito para ser vivido, porque senão...

BIOGRAFIA:

Flávio Gikovate é médico formado pela USP. Trabalhou como "clinical assistant" no Institute of Psychiatry, London University. Atualmente, trabalha em clínica particular na cidade de SP, se dedicando principalmente às técnicas breves de psicoterapia.

A preocupação ligada a sexualidade e a vida amorosa sempre foi uma constante desde o início de sua carreira. É sua intenção sempre realizar um trabalho de acordo com o seu tempo, sendo por isso mesmo muito interessado em tudo o que ocorre com o homem e suas manifestações em todas as áreas.

É profissional que procura desmistificar a posição do terapeuta e portanto colocá-la, fundamentalmente, como a de um ser humano que sabe, que sente, que vê e que, sobretudo, padece de todos os males de sua época.

www.flaviogikovate.com.br